

Correio das Artes

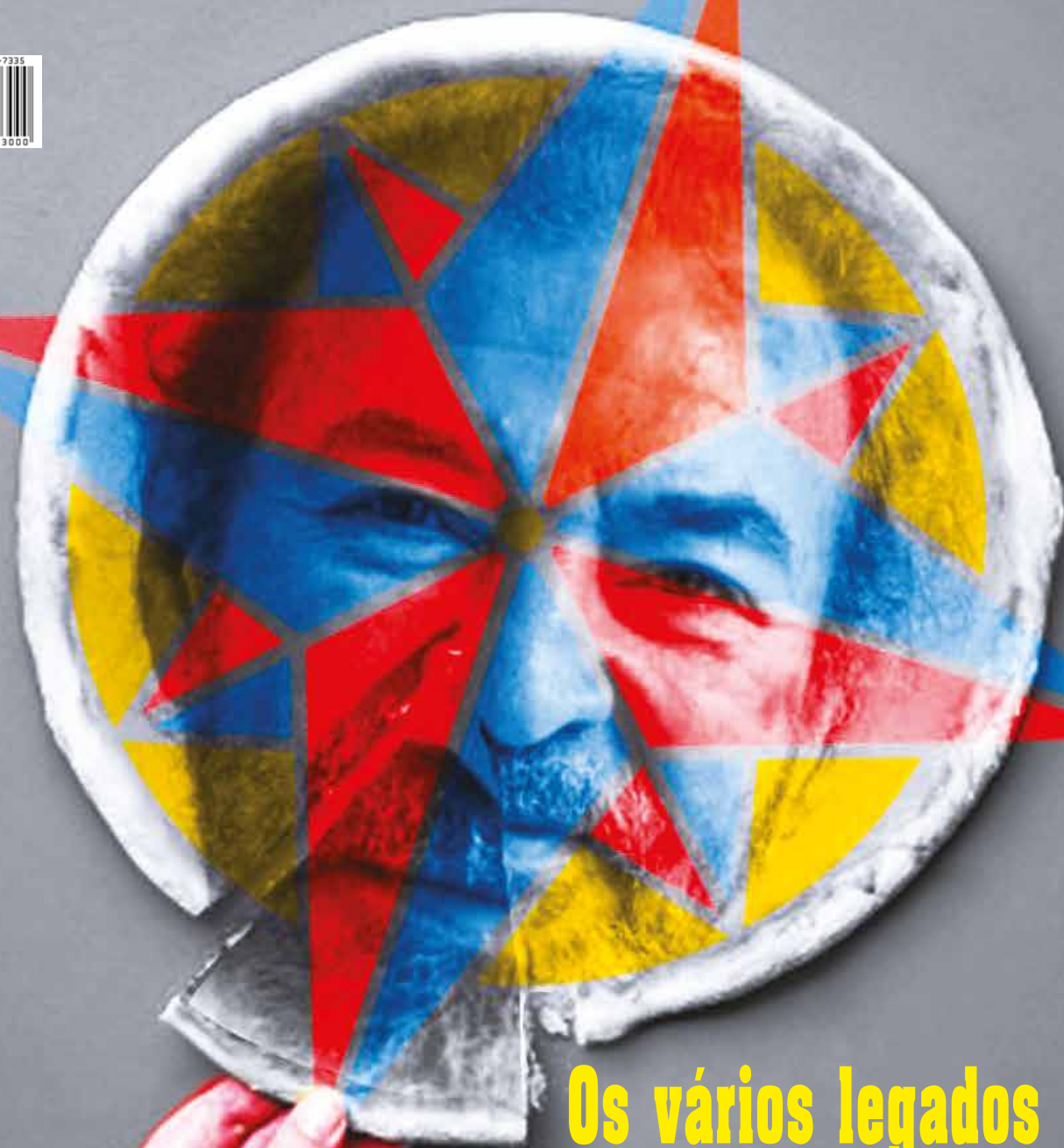
ANO
LXXIV

Nº
05



Julho
R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Os vários legados de Raul Córdula

Conheça a história do artista visual paraibano que, aos 80 anos de idade, segue produzindo e resgatando a própria história com a ajuda da internet. Em entrevista exclusiva, autor da obra 'EGO' fala sobre sua trajetória e reflete o papel da arte na sociedade: "Não há arte apolítica!"

suplemento literário
do Jornal A União
2023



Correio das Artes

Concurso Literário: Minicontos

Um conto, seu ponto e várias reticências...

Fruto do diálogo entre A União e o circuito cultural e artístico paraibano, o suplemento Correio das Artes abre-se para receber as contribuições dos escritores paraibanos no **Concurso Literário: Minicontos.**

Mesmo na economia de palavras, a curtíssima narrativa do miniconto consegue sugerir personagens, cenários, contextos, sendo um ótimo formato para as experimentações na arte da escrita e, também, para descoberta e lapidação de muitos talentos.

Traduza a sua imaginação em palavras e inscreva até cinco minicontos. Seus textos poderão ser publicados em antologia a ser lançada pela Editora A União. Participe!

Inscrições gratuitas

Até 11/08



Raul, um ser político

Seja como artista visual, memorialista, cenógrafo ou designer gráfico, a trajetória de Raul Córdula é única em sua multiplicidade de talentos e visão a respeito da arte. Raul, nascido em Campina Grande e criado no mundo, completou 80 anos em 2023, mantendo a produção em dia, mas, sobretudo, lutando por um país em que as pessoas reconheçam, nas expressões artísticas, um canal de informação e formação, formação esta, educativa, intelectual, social e política.

“Antes de ser artista, sou cidadão e, como tal, sou político”, respondeu o próprio Raul, em uma entrevista que fiz com ele, por e-mail, em maio deste ano exclusivamente para este **Correio das Artes**. Uma entrevista que mostra o Raul Córdula de 2023, o Raul com 80 anos de vida, 63 de carreira artística, e contando! São mais de seis décadas produzindo arte, valorizando-a, ensinando o fazer artístico.

Uma entrevista que mostra o Raul Córdula de 2023, o Raul com 80 anos de vida, 63 de carreira artística, e contando! São mais de seis décadas produzindo arte, valorizando-a, ensinando o fazer artístico

A entrevista é a espinha dorsal da reportagem que o leitor irá conhecer ao virar esta página. Mas foi fundamental, para compor um retrato do artista quando hoje, conversar com três artistas muito próximos à vida e a obra de Raul Córdula: Chico Pereira, Dyógenes Chaves e Flávio Tavares.

Esses personagens dão régua e compasso para que um dos maiores nomes das artes visuais da Paraíba tenha seu pensamento vivo e, principalmente, sua obra expostas nas páginas seguintes, de modo aproximar, ainda mais, leitores, amantes das artes e o povo paraibano deste filho ilustre.

índice

16 / resgate

Projeto universitário busca ressaltar o protagonismo feminino nas artes visuais da Paraíba.

24 / coluna

Na ‘Festas Semióticas’ deste mês, Amador Ribeiro Neto avalia, a um só texto, obras de Czeslaw Milosz, Contardo Calligaris e Rita Lee.

30 / conto

Psicoterapeuta, poeta, escritor e colunista do Jornal A União, Nelson Barros brinda esta edição com um conto inédito.

32 / coluna

Ao rés da página: Tiago Germano segue seu mergulho pelos costumes de uma Campina Grande, em mais uma “visita” nostálgica à Rainha da Borborema.

35 / artigo

Em artigo inédito, o magistrado e escritor Adhailton Lacet Porto fala do despreparo que muitos atendentes têm nas livrarias por onde passou.

37 / clarisser

Inspirada na obra de Milton Hatoum, a minissérie homônima ‘Dois Irmãos’ é analisada, com lupa, pela colunista Analice Pereira.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

**Correio
das Artes**

André Cananéa
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUIDORIA: (83) 99143-6762

As múltiplas faces de Raul Córdula

André Cananéa

Editor do Correio das Artes

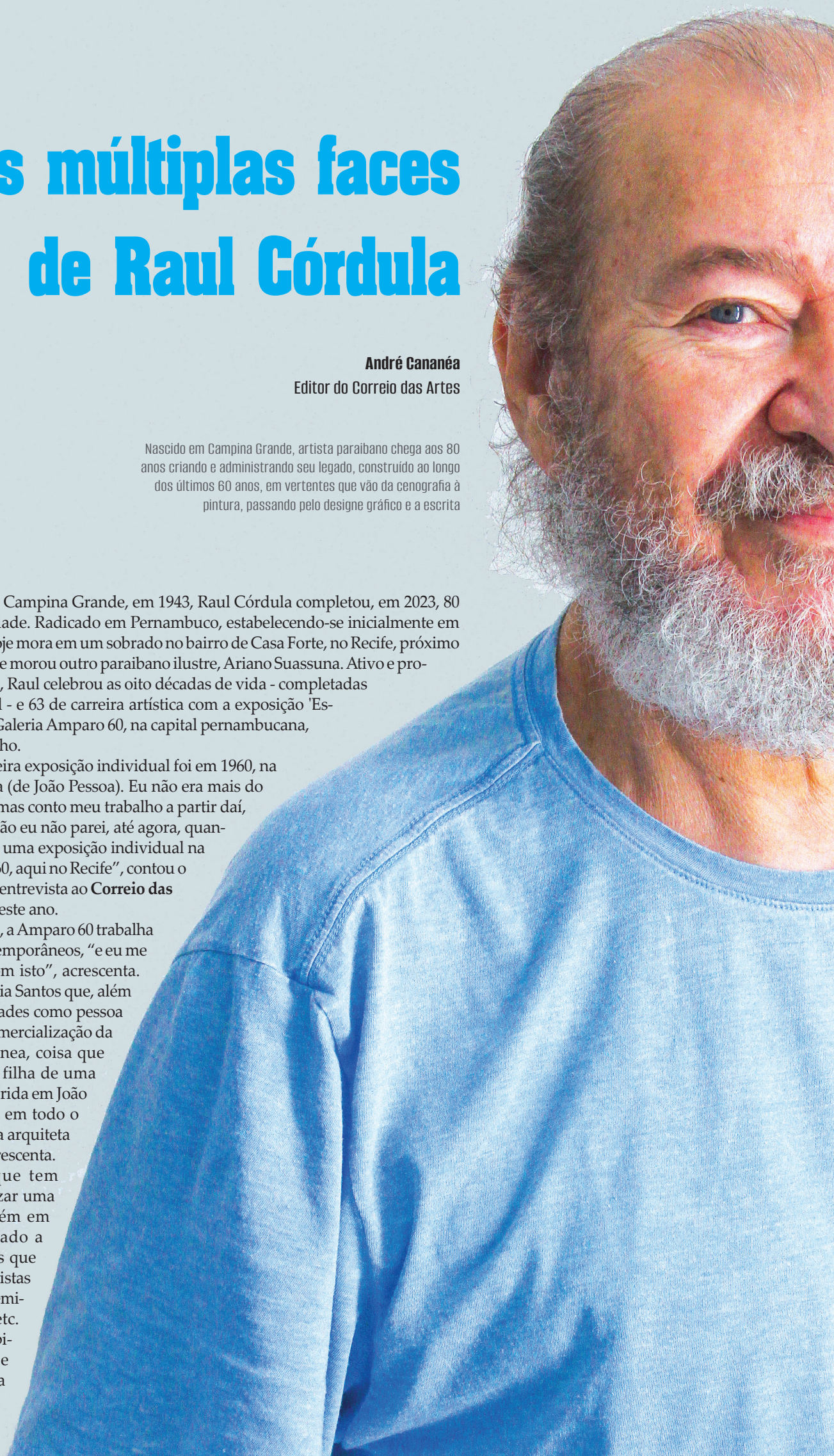
Nascido em Campina Grande, artista paraibano chega aos 80 anos criando e administrando seu legado, construído ao longo dos últimos 60 anos, em vertentes que vão da cenografia à pintura, passando pelo design gráfico e a escrita

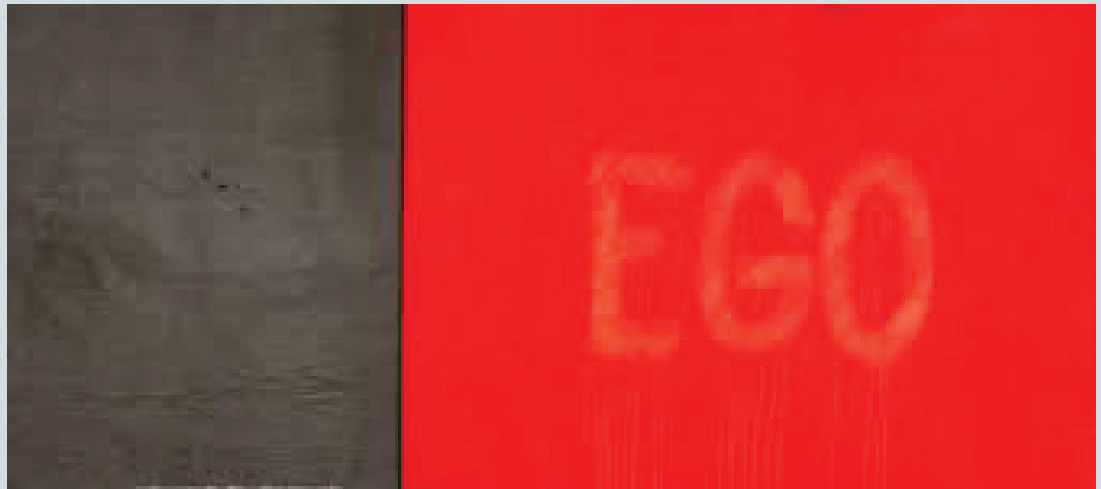
Nascido em Campina Grande, em 1943, Raul Córdula completou, em 2023, 80 anos de idade. Radicado em Pernambuco, estabelecendo-se inicialmente em Olinda, hoje mora em um sobrado no bairro de Casa Forte, no Recife, próximo a casa onde morou outro paraibano ilustre, Ariano Suassuna. Ativo e produzindo bastante, Raul celebrou as oito décadas de vida - completadas no dia 17 de abril - e 63 de carreira artística com a exposição 'Espaço-Tempo' na Galeria Amparo 60, na capital pernambucana, encerrada em junho.

“Minha primeira exposição individual foi em 1960, na Biblioteca Pública (de João Pessoa). Eu não era mais do que um menino, mas conto meu trabalho a partir daí, porque desde então eu não parei, até agora, quando estou fazendo uma exposição individual na Galeria Amparo 60, aqui no Recife”, contou o próprio Raul, em entrevista ao **Correio das Artes**, em maio deste ano.

Segundo Raul, a Amparo 60 trabalha com artistas contemporâneos, “e eu me sinto honrado com isto”, acrescenta. “A galerista é Lucia Santos que, além de muitas qualidades como pessoa da produção e comercialização da arte contemporânea, coisa que não é fácil, ela é filha de uma pessoa muito querida em João Pessoa - de resto em todo o Nordeste - que é a arquiteta Janete Costa”, acrescenta.

Ele revela que tem vontade de realizar uma exposição também em João Pessoa, aliado a outras atividades que possam reunir artistas e público, como seminários, oficinas etc. e ainda em Campina Grande, onde nasceu. “Gostaria





Bandeira do EGO, uma das pinturas mais conhecidas de Raul Córdula: segundo o autor, obras atendem a uma compreensão mais simples, mas nem por isso inferior

muito de fazer uma palestra no colégio que tem o nome de meu pai (Escola Estadual Raul Córdula, no Cruzeiro), falar sobre a arte realizada na Paraíba”.

Raul lembra que foi na Rainha da Borborema, em 1967, que ele teve a oportunidade de realizar algo que julga deveras importante: a implantação do Museu de Arte Assis Chateaubriand. “Eu estava em meu trabalho, no Rio de Janeiro, quando lá chegaram, a minha procura, o empresário Edvaldo do Ó e meu pai, para me convidarem para deixar meu emprego na TV Tupi e ir trabalhar para a implantação do museu em Campina Grande. Saí da TV Tupi e me engajei naquele projeto com a finalidade de trazer o museu para Campina Grande, e ele foi instalado lá. Conteí, já naquela época, com o apoio do amigo Chico Pereira, que, aliás, me sucedeu na direção do museu”, recorda.

O artista também destaca a importância do acervo do Museu Assis Chateaubriand: “Ele se caracteriza pela arte de vanguarda da época, com artistas franceses e brasileiros, onde destaco Gaïtis,

Alan Jaquet e Foldes, da França, representantes do movimento ‘nouvelle figuration’, e Antônio Dias, Rubens Gerchman e Anna Maria Maiolino, do movimento ‘nova objetividade’, do Brasil, além de obras de grandes artistas brasileiros”.

O paraibano é taxativo ao afirmar que o Museu Assis Chateaubriand tem um dos melhores acervos de arte brasileira de seu período vanguardista dos anos de 1960. “E também tem a participação de artistas franceses que fizeram parte do movimento ‘Olho de Boi’, no qual atuou a galerista brasileira Cerres Franco”, acrescenta.

Raul segue: “No Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, alguns dos artistas que integram o acervo do Museu de Campina Grande têm obras expostas. Na sala dedicada ao crítico francês Pierre Restany, existem obras de Genovés, Alan Jaquet e Foldes, artistas que estão no museu campinense. É absolutamente preciso que este museu tenha vida e seja animado, e que tenha segurança também, pois é um patrimônio importante da arte na Paraíba”.

Geração 59

Filho do professor Raul Marinho Figueiredo Córdula com Elizabete Trevas Córdula, Raul Córdula Filho saiu de Campina Grande com apenas três anos de idade para morar, junto com a família, no Rio de Janeiro. “Ficamos lá entre 1946 e 1957, quando voltamos para a Paraíba, pois meu pai foi convidado, e aceitou, para dirigir o Colégio Estadual de Campina Grande”, recorda Córdula Filho.

O artista diz que em 1958, a convite do então governador Pedro Gondim, Raul Córdula pai foi dirigir a Rádio Tabajara e, em seguida, a Divisão de Documentação e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, órgão estadual responsável por políticas públicas na área, como as semanas de teatro, que aconteciam anualmente, a edição do Boletim de Cultura (impresso nas rotatórias de A União), as projeções de cinema em cidades do interior (a partir do Cinema Educativo, dirigido por João Córdula, tio do artista) etc.

“Destaco a edição de uma antologia de poemas do grupo Geração 59, onde estavam obras de Vanildo Brito, o líder do Grupo, Jomar Souto, Clemente Rosas, Jurandy Moura, Luiz Correa e Ronaldo Cunha Lima”, acrescenta Raul.

Amigo, contemporâneo e ex-vizinho de Raul Córdula em Campina Grande, o também artista visual e pesquisador Chico Pereira recorda que, muito jovem, Raul Córdula Filho já circulava nos meios intelectuais do estado. “Quando Raul tinha por volta de 18, 19 anos de idade, ele já era contratado pela UFPB para ajudar a criar o então departamento cultural da universidade, no reitorado de Mário Moacir Porto. Então Raul, muito jovem, já circulava no meio intelectual da Paraíba e passou a se integrar àquilo que depois veio se chamar Geração 59”, atesta Pereira.

Para o pesquisador, a chamada Geração 59 fez emergir uma literatura nova na Paraíba, “uma literatura e uma poesia que fugia dos padrões ainda de influência modernista”, acrescenta. “Então podemos dizer que essa coisa (de arte) contemporânea começa com a Geração 59, e Raul está no meio, mesmo muito jovem, afinal ele era o ilustrador desses poetas, desses escritores”, conclui Chico Pereira.

Foto: Arquivo pessoal



Chico Pereira: “Raul é um intelectual completo, porque ele lê, escreve, pensa e faz”

Foto: Roberto Guedes/A União



Dyógenes lembra dos multitalentos de Raul, que passam por memorialista e até designer de joias: “Artista gráfico, acima de tudo”

Sob o peso da ditadura

Os tumultuados anos 1960, decorrentes da ditadura militar, levaram Raul Córdula Filho a morar entre a Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo. “O acontecimento de 1964 (o golpe militar que instituiu a ditadura no Brasil) fez de nós, artistas, criaturas nômades, e eu tive de me virar em muitos para sobreviver”, comenta Raul Córdula.

No Rio, ele chegou a ser cenógrafo de televisão (tanto na TV Tupi, quanto na Globo), trabalhou como “freelancer” em publicidade e não abandonou as artes plásticas.

O artista visual e pesquisador de arte Dyógenes Chaves, também em entrevista ao Correio das Artes em maio de 2023, recorda que foi por essa época que Raul Córdula Filho ajudou a fundar a Associação Paraibana de Artistas Plásticos (APAP).

De volta à Paraíba, ele recebeu um convite para expor na Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), um prédio localizado no então Parque Solon de Lucena (hoje Parque da Lagoa), no Centro de João Pessoa. Corria 1968 e a UFPB estava sob intervenção federal, e a mostra de Raul Córdula acabou sendo censurada por ordem do Conselho Universitário, no dia seguinte à abertura da exposição.

Os motivos da censura nunca ficaram claros. Dyógenes Chaves acredita que o veto possa ter tido alguma relação com insinuações de nudez contida na série de telas que compunha a exposição. “É preciso lembrar que a exposição estava no hall da reitoria da universidade (UFPB), que estava sob intervenção federal. Foi quando o (então) governador João Agripino, que era de esquerda, veio ao socorro e ofereceu as repartições estaduais para que ele expusesse sua série de pinturas”, avalia o pesquisador.

Para o especialista Chico Pereira,
a obra de Raul Córdula tem marcas
abstracionistas, carregadas de
simbologia e misticismo

Imagem: Reprodução/Acervo Raul Córdula



Ainda de acordo com Chaves, a exposição, que acabou ocorrendo no foyer do Teatro Santa Roza, também chegou ao Recife (PE), onde chamou atenção Gilberto Gil e Caetano Veloso, entre outros tropicalistas, como o professor Jomard Muniz de Brito. O pesquisador acredita que, de alguma forma, a arte de Raul Córdula tenha sido incorporada ao movimento de música e arte deflagrada em 1967, após o contato dos baianos com o trabalho do paraibano.

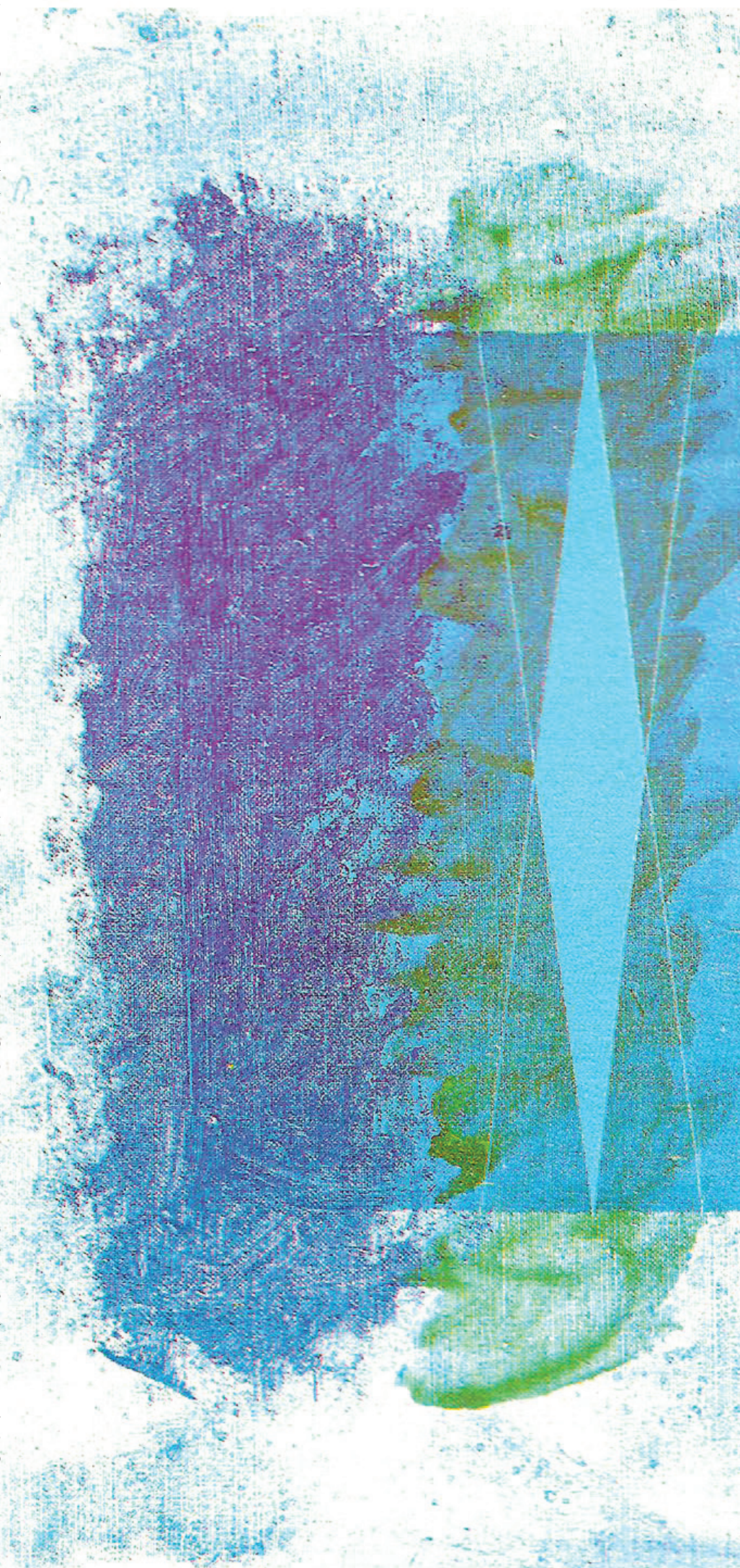
Raul conta que, após o episódio de censura na Reitoria, ele deixou João Pessoa mais uma vez. "Fui morar em Pernambuco", responde. Atuando no departamento de marketing da Rede Globo, foi convidado pelo diretor da emissora em São Paulo, Sinval de Itacarambi Leão, a secretariar o "3º Salão de Arte Global – O Artesanato e o Homem". "Lá fui eu enviado pela Globo para o México para entrar em contato com o Fundo Nacional de Desenvolvimento do Artesanato - Fonoarte, instituição mexicana que constava, simplesmente, de um banco de fomento para o artesanato", recorda.

A missão de Córdula Filho no México também incluía a participação na 9ª Conferência do Conselho Mundial de Artesanato. "A partir da credencial da Globo, minha missão era contatar o Sr. Thonatihi Gutierrez, o diretor do Fonoarte, para convidá-lo a inaugurar o Salão, que iria ocorrer em Recife. Minha participação nele foi, se houvesse o termo naquela época, a de um curador. Durante o trabalho de organização do Salão, apareceram convites para que eu permanecesse trabalhando no Recife, onde estou até agora".

As andanças de Raul Córdula pelo Nordeste levaram-no a diversas reflexões a cerca da arte. "É muito curioso como os estados nordestinos diferem entre si na questão da cultura, especialmente nas artes visuais", pondera. "Costumo analisar o Nordeste de uma maneira diferente da geografia política. Há um grande 'estado' nordestino que é o Sertão, que inicia no sul do Piauí e termina no Norte de Minas Gerais. Aí o Nordeste é um só, com sua cultura autêntica e formidável. Há também o litoral, com suas culturas diversas".

Ele avalia que alguns termos "confundem mais do que orientam", e cita como exemplo o Cariri, "que não é uma região geográfica, mas significa as terras onde os índios Cariris viveram". "Portanto, o Cariri Cearense é fértil e o Cariri paraibano é árido", compara.

Mergulhando um pouco mais na arte nordestina, ele ensina: "A arte produzida em Pernambuco, de forte tendência figurativa, em nada se compara com a arte do Ceará, onde, nos anos de 1950, os artistas mais importantes e prestigiados de lá eram Antônio Bandeira e Sérvulo Esmeraldo, dois artistas abstracionistas, um informal e outro geométrico. A Paraíba é um território de boa arte tanto acadêmica quanto moderna e contemporânea".





"Em princípio, para mim o homem é um animal político. Antes de ser artista, sou cidadão, e como tal sou político", afirma Raul Córdula

Raul Córdula, multiartista

Na entrevista para o **Correio das Artes**, Raul Córdula Filho se define como pintor. Mas os colegas artistas Dyógenes Chaves e Chico Pereira são categóricos em afirmar que ele vai além, é um verdadeiro “multiartista”, atuando em diversas frentes, seja como artista plástico que produziu pinturas e desenhos venerados em todo o mundo e dos mais diversos estilos; artista gráfico responsável por encartes de discos e livros etc; professor, curador e crítico de artes, ensaísta e memorialista.

Para Dyógenes, Raul é um artista gráfico, acima de tudo. “Ele fazia parte de um grupo de artistas que eram todos multiartistas. Naquele tempo, eles faziam pintura, escultura. As primeiras experiências dele são desenhos, mas ao longo dos anos, ele chegou a trabalhar com cenografia nos estúdios da Globo, fez designer de joias, esculturas, intervenções etc.”.

Mas há múltiplas pistas nessa carreira. Ele também desenvolveu, em paralelo à carreira de artista, uma carreira institucional, tornou-se professor da UFPB, escritor e crítico de arte. “Há livros que a capa é dele, o projeto gráfico é dele e o texto também”, ilustra Dyógenes, lembrando que ele chegou a integrar o citado coletivo literário Geração 59, ilustrando poesias de diversos integrantes.

Dyógenes também lembra a faceta de Raul com pedras preciosas. “Ao ganhar um prêmio de um salão de artes plásticas promovido pela Rede Globo Nordeste, ele ganhou uma viagem para a Europa. Então ele foi para Paris, encontrar a irmã Risoleta Córdula (1937-2009), e as joias produzidas por Raul Córdula acabam ganhando visibilidade quando a filha de Risoleta, sobrinha de Raul, passa a ser a modelo dessas joias, desfilando com ela. E a filha de Risoleta (a modelo carioca Cristina Córdula) é uma popstar na França”.

“Quem faz mural necessariamente não deixa de ser pintor”, comenta Raul, ao ser perguntado sobre seus múltiplos talentos. “O mexicano Rivera foi um grande pintor. Portinari também. E mais perto de nós, Lula Cardoso Ayres e Brennand nunca renunciaram à pintura. Mas não me acho um muralista. Tenho alguns murais em João Pessoa, como o da Assembleia Legislativa, feito em aço. Alguns dos murais que fiz aí foram demolidos. Aliás, algumas obras minhas aplicadas em instituições, parece que desapareceram, como é o caso de um tríptico que presenteei à Biblioteca da UFPB”.

Dyógenes não deixa esquecer os textos que Raul Córdula publicou em jornais, revistas e suplementos de arte, incluindo uma série de textos críticos e históricos sobre a arte do Nordeste. “Raul também é um memorialista. Ele tem uma memória melhor do que muita gente. Ele escreveu um livro chamado Utopia do Olhar, fruto de uma série de entrevistas que ele fez com artistas e pessoas ligadas à cultura de Pernambuco. Cada entrevista genial... e ele entrevista não como entrevistador, mas como parceiro”, pontua Dyógenes.

Embora Raul Córdula tenha escrito e publicado livros, não se considera um escritor. “Escrever para mim é uma necessidade intrínseca, uma mania”, responde, “Mas cheguei a publicar alguns livros, como (o citado) Utopia do Olhar, sobre a arte e os artistas de Olinda, e Memórias do Olhar, sobre a década de 1960 em João Pessoa”.

Atualmente, ele escreve sobre artesanato e o que aprendeu em sua já citada passagem pelo México, à frente da representação Brasileira do Conselho Mundial de Artesanato, entre 1980 a 1985. “Meu interesse é a memória, antes de ser um escritor me considero um memorialista”, confidencia.



Flávio Tavares, outro renomado artista paraibano, teve Raul como professor: “Ele não imprimia uma posição fascista na arte... sempre foi muito aberto à transpiração da arte”



Raul Córdula ajudou a fundar o Museu de Artes Assis Chateaubriand, em Campina Grande, nos anos 1960: espaço foi criado com um dos melhores acervos de obras de arte de seu tempo, com trabalhos vanguardistas de artistas franceses e brasileiros

Foto: Marcos Russo/A União



Professor

Chico Pereira acha importante lembrar, também, do Raul Córdula Filho professor de arte. “Um mestre, sempre dando de si o que ele sabia”, define o pesquisador. “Ele nunca foi o artista transitando no espaço da individualidade só, nem nunca foi o

artista individualista no sentido de que sua obra em si basta. Não, ele é um artista que multiplicador, porque além de defender sempre suas teorias estéticas e suas vontades estéticas, Raul sempre buscou reconhecer, nos jovens artistas, as suas potencialida-

des. Ele sempre chegava para mim para dizer que descobriu um grande artista, um grande artista jovem, ou um grande artista maduro. A experiência crítica dele, não só como professor e artista, mas um estudioso da arte, ele tem sido um permanente descobridor de gerações de artistas”.

Flávio Tavares, outro renomado artista paraibano, foi um dos alunos de Raul Córdula Filho. “Conheci Raul, nós éramos muito jovens, ele com 19 anos de idade e eu com 15 (por volta de 1965). Ele era professor do setor de artes plásticas da UFPB, junto à Coex (Coordenação de Extensão Cultural), e ele foi meu professor durante anos, até 1967, 1968...”, relembra o artista, hoje com 73 anos.

Flávio destaca a abordagem do professor a respeito do ensino da arte. “Ele tinha abertura total, não interferia nas vertentes artísticas de cada um, ele não imprimia uma posição fascista na arte... ele sempre foi muito aberto à transpiração da arte”, declara.

Como professor, recorda Flávio Tavares, Raul Córdula gostava de ensinar os alunos de arte a verem, sobretudo a natureza, em aulas de campo pela Bica (hoje Parque Arruda Câmara), o Convento de São Francisco (ambos no centro de João Pessoa). “Ele tinha o naturalismo dentro dele”, afirma o ex-aluno, “Muita gente pensa que ele tem essa coisa fechada, de ser abstracionista, mas não, ele sempre foi muito aberto a arte e tem essa coisa da natureza dentro dele, incluindo a natureza arquitetônica”.

Revelando que sua primeira exposição coletiva, ainda adolescente, foi organizada pelo professor Raul na casa do maestro Pedro Santos, na avenida Santo Elias, centro de João Pessoa, Flávio Tavares admite: “Tenho certeza que aqueles anjos que eu faço até hoje têm relação com as aulas que eu tive com Raul na adolescência”.

É possível definir a obra de Raul?

Chico Pereira define a obra de Raul Córdula como abstracionista carregada de simbologia e misticismo. “É uma obra fincada nas raízes da Borborema, da nossa geografia, deste continente gigantesco, sul-americano, uma obra simbolicamente política”, acrescenta.

Por obra política, Chico Pereira afirma que a arte de Raul é uma arte a serviço da liberdade e do progresso. “Sempre foi assim” – afirma –, “mesmo quando ele era um artista mais figurativo do que abstracionista, como hoje, podemos dizer que a obra de Raul sempre foi carregada de muita simbologia, da liberdade, da democracia e, acima de tudo, do novo. Raul sempre primou pelo novo, pelo moderno, aqui usando a palavra moderno não como modernista, mas como modernidade, aquele espírito permanente de mudança e atualização”.

“Em princípio, para mim o homem é um animal político. Antes de ser artista, sou cidadão, e como tal sou político”, comenta o próprio Raul Córdula, confirmando o engajamento de sua obra. “Não há arte apolítica, toda arte é política de alguma maneira. Uma música de câmara de Bach era uma rama

política para os poderosos da época. ‘Aquele abraço’, ‘Alegria, alegria’ e um solo de trompete de Chet Baker, ou a trilha sonora da novela, são armas políticas. Minha arte, que não se alia à facilidade de leitura da arte figurativa, é política de qualquer forma, pois somente é compreendida - e pode ser apreciada - se for pensada”, explica.

Raul pondera, entretanto, que, eventualmente, cria obras que “atendem a uma compreensão mais simples, mas nem por isso inferiores”, e cita como exemplo um desenho da mão de Lula e a série de pinturas que ele fez sobre a Bandeira do EGO, cuja obra principal integra acervo do Museu Nacional da República, em Brasília. Sobre a política atual, é lacônico: “Estamos lutando! Vamos à luta, companheiros...”.

“Posso dizer, também, que Raul é um intelectual completo” – afirma Chico Pereira – “porque ele lê, escreve, pensa e faz. Então isso eu não diria naquele sentido kantiano, de querer que a cultura mude a sociedade, mas que a cultura possa ser uma alavanca de mudanças, pela liberdade, pelo pensamento livre”.

Como artista gráfico, coube à Raul

Córdula deixar sua marca, também, na sede do Poder Legislativo Estadual. O pássaro que toma altura no espaço sideral e reluz no inox da logomarca da Assembleia Legislativa da Paraíba, como registrou, em texto, o deputado Gilvan Freire, então presidente da Casa de Epitácio Pessoa em 1993, quando a atual sede – e a obra de Raul – completavam 20 anos, é mais uma das obras marcantes do artista campinense.

“Utilizei um pássaro para simbolizar o homem, pois é habitante da árvore que ali representava a cidade. Mas pássaro também é símbolo de liberdade, assim como a Assembleia é lugar do povo”, explicou Raul Córdula, à época, sobre sua própria obra.

O pássaro que Raul Córdula criou e permanece emoldurado, às vezes triste, às vezes prateado, toma por realidade esse curto espaço de tempo e talvez sonhando com sonetos Shakespearianos, tão óbvios como as tragédias e comédias do povo paraibano”, pontuou o jornalista Kubitschek Pinheiro, genro do artista plástico, também por ocasião dos 20 anos da obra.

Foto: Divulgação/ALPB



Como artista gráfico, coube à Raul Córdula criar a marca da Assembleia Legislativa da Paraíba: “Pássaro também é símbolo de liberdade, assim como a Assembleia é lugar do povo”, afirma o artista

Fênix

Dyógenes Chaves se refere ao artista como uma fênix, em alusão a ave que ressurgue das cinzas. “Já aconteceu de sermos chamados à Olinda com urgência, pois Raul estava muito mal de saúde, e ele é um homem safenado, fez mamária, hipertenso, diabético... e quando chegamos lá, ele havia viajado para o Sertão. Havia saído para pesquisar sobre um documentário que ele fez para o filme Aruanda”, relembra.

Chico Pereira atribui isso à positividade de Raul Córdula, “um ser sempre otimista”, nas palavras do pesquisador. “Um ser que sempre achou que a vida é para ser vivida e para ser usufruída, se possível, de forma libertária, de forma libertária, vivendo os prazeres do dia a dia”, detalha.

Para Chico, Raul Córdula sempre considerou a vida uma coisa prazerosa. “Mesmo nos momentos de profunda adversidade, eu não vi Raul reclamar da vida. Eu sempre o vi otimista, fosse nos momentos mais crítico de sua saúde, das suas finanças, das suas dificuldades pessoais, morais, existenciais, amorosas, Raul sempre foi uma pessoa a deixar o passado para trás, nunca foi de rememorar, de forma angustiada, o seu passado doloroso”, afirma.

Características

O pesquisador Dyógenes Chaves comenta o universo estético que Raul Córdula abraça em sua obra: “Você pode encontrar em uma mesma obra uma abstração informal e uma geometria, então Raul é esse paradoxo, e tudo que você disser sobre a estética dele, ele é! Raul é a cara dos mil instrumentos. Amelinha (Amélia Couto, esposa do artista octogenário) diz que a obra de Raul é toda a obra. Então é provável que Raul não soubesse dizer qual é a obra mais importante dele”.

Mas Chico Pereira elege a obra de Raul sobre o Planalto da Borborema, a obra mais importante do colega conterrâneo de Campina Grande, “porque é uma obra que ele vai na nossa geografia”, justifica. “Ele pensa sobre a nossa geografia, mas ao mesmo tempo ele coloca a Borborema como um símbolo de altitude, de coisas grandes, de uma beleza que é o lugar que o sujeito nasceu”.

Chico prossegue: “Raul é a pessoa que pensa no mundo, mas sem esquecer o lugar que nasceu, o lugar que ele aprendeu e o lugar que ele sempre contribuiu para essa permanente tese de modernidade. Então, eu acho que

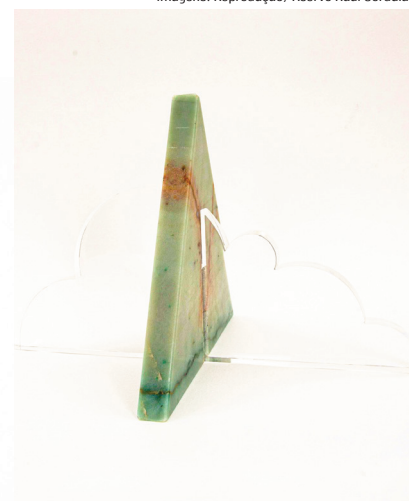
esse ciclo na pintura figurativa, no abstracionismo e, de modo geral, na arte, que eu diria, assim, semiótica, uma semiologia da geografia que ele leva as últimas consequências, do seu habitat em forma de arte”.

O crítico e professor de História da Arte Paulo Sérgio Duarte, em texto do ano 2000, reproduzido no catálogo deste ano da exposição “Espaço-Tempo” da Galeria Amparo, citada no começo desta matéria, afirma que a pintura de Raul Córdula mantém, há algumas décadas, duas características muito claras e nada simples: o atavismo ao ofício de pintar, isto é, o amor pelo fazer artístico – segundo ele, muito forte nos artistas nordestinos -, e a exploração do abstracionismo geométrico, responsável, junto com as correntes construtivas, por conquistas de novos patamares na arte brasileira desde a segunda metade do século 20.

“O encontro dessas características é complexo porque obrigou o artista, durante muito tempo, a ir contra a ideologia regionalista. (...) Ao não temer dialogar com uma linguagem que ultrapassava as fronteiras culturais mais imediatas, Raul Córdula recusou uma arte temática a favor de uma pesquisa essencialmente moderna. Criou-se um paradoxo: no ambiente que explorava suas idiosincrasias de modo generalizado quem se individualizava e contrastava isolada era a pintura de Córdula. Situação similar enfrentou Sérvulo Esmeraldo no Ceará”, escreveu o professor Duarte.



Imagens: Reprodução/Acervo Raul Córdula



Borborema nomeia algumas obras de Raul Seixas, como a pintura ao lado (datada de 1975) e a escultura acima (deste ano): ele coloca a Borborema como um símbolo de altitude, de coisas grandes, de uma beleza que é o lugar que o sujeito nasceu

O acervo de Raul Córdula

Chico Pereira afirma que as obras de Raul Córdula estão “espalhadas pelo mundo”. Mas uma parte delas está, claro, com o próprio artista, que chegou a comprar de volta algumas telas das mãos de colecionadores. “Quando tenho dinheiro, eu compro alguma coisa. Faz parte do meu interesse pelo passado”, comenta.

O acervo particular de Raul Córdula está dividido entre ele, as filhas e o filho. “O resto eu vendo, como ocorreu, agora, na exposição que fiz na Galeria Amparo 60”, acrescenta.

Paralelo, há a Fundação Córdula (antes, Fundação Raul Córdula), que

é coordenado por Amélia Couto e o filho do casal, Cláudio Couto Córdula. “A fundação trata de projetos culturais como edições, por exemplo. Em junho, lançamos um livro que organizei sobre a obra do artista pernambucano Ismael Caldas, já falecido”, explica.

Raul Córdula também é um grande entusiasta da internet. “Quem iniciou como artista em 1960, só posso achar a internet, e de resto todo o aparato cibernético, a ainda a inteligência artificial, como uma maravilha”, comenta. “Tenho certeza de que as gerações recentes não avaliam o quanto mudou o mundo em gerações como a minha. Lembro

muito de Vanildo Brito e nossas conversas sobre cibernética – palavra que hoje já não se usa – e nos maravilhando com as possibilidades do futuro”.

Esse entusiasmo tem feito Raul procurar suporte para expor suas obras na internet, sobretudo no Facebook e no Instagram, onde disponibiliza imagens de suas obras acompanhadas de informações sobre a peça e histórias de bastidor acerca dela. “Estamos, eu e minha família, planejando esta tarefa, tenho alguma coisa pronta, mas há ainda muito a fazer”, responde, ao ser perguntado sobre a digitalização de ser acervo.

Raul Córdula e o teatro

A experiência com cenografia em televisão, ele conta, começou nas Semanas de Teatro da Paraíba, no início dos anos de 1960. “Meu cunhado, o ator e diretor mineiro Rubens Teixeira, que chegando ao Recife com a Companhia de Maria Dela Costa, conheceu minha irmã Leda e com ela se casou e aqui ficou”, conta, referindo-se ao diretor que antes de se mudar para o Recife, dirigiu peças na UFPB.

“Ele me contratou uma vez para fazer a cenografia de *A Farsa da Boa Preguiça* (de Aruano Suassuna), com Zezita Matos e Edinaldo do Egito. Esta foi minha primeira experiência com cenários. Mas depois da TV Globo, eu nunca mais fiz cenografia”, comenta.

Zezita recorda esse breve envolvimento de Raul no teatro. “Acho que foi a única peça na vida de Raul”, afirma a grande dama do teatro paraibano, também em maio de 2023. A atriz conheceu o artista visual em agosto de 1958. Ela lembra até o dia: “foi dia 14, 15... mais ou menos”, conta.

Zezita havia estudado no Colégio das Damas, em Campina Grande, mas já morava em João Pessoa, onde estudava no Liceu paraibano, quando embarcou em um trem rumo à Rainha da Borborema com a finalidade de participar de um encontro de estudantes. “Era a oportunidade de rever meus colegas do Colégio das Damas”, conta.

Chegando a estação de trem, ela viu, pela primeira vez, seu futuro marido:



Foto: Acervo Zezita Matos

Breno Matos. “Chegando na estação de Campina Grande, ouvi alguém gritar: chegou Breno ‘Nicotina’ chegou! Perguntei ‘quem é Breno ‘Nicotina’? Quando olhei, vi um cara baixinho, cabelinho cortado para cima, vestido com um blusão de James Dean - e eu era apaixonada por James Dean - ai, pronto! Daí pra frente, ficamos de olho um no outro”.

Acontece que Breno Matos, também artista plástico, era amigo de Raul Córdula, que costumava convidar o colega até sua casa para “dançar rock”, como recorda Zezita. “Começamos a namorar (Zezita e Breno), entrei para Juventude Comunista e me aproximei de Raul,

Breno Matos (E) e Raul Córdula (de camisa escura) - com Marcos Tavares (D) na foto: pintor foi a única testemunha no casamento do escultor com a atriz Zezita Matos

afinal, ele, pintor, e Breno, escultor, já eram amigos”, confirma a atriz.

Essa amizade entre o trio levou Raul Córdula a ser padrinho de casamento de Breno e Zezita Matos. E não só isso: Raul, segundo ela, foi o único convidado da cerimônia. “Em 1965, quando eu casei com Breno, a única pessoa presente no meu casamento foi Raul Córdula. O padre não queria fazer o casamento, mas acabou fazendo somente comigo, Breno e Raul”, conta.

Na trilha de Sumé

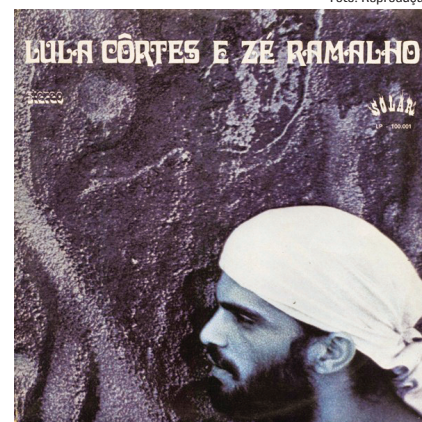
De acordo com Dyógnés Chaves, Raul Córdula tem participação fundamental em um dos discos mais lendários da música brasileira, Paêbirú: Caminho da Montanha do Sol, de Zé Ramalho e Lula Côrtes, aquele mesmo que a enxurrada de 1975, no Recife, levou boa parte da tiragem original embora, tornando os poucos exemplares que restaram, os LPs mais raros da história da música brasileira.

Segundo o pesquisador e artista plástico, coube a Raul apresentar à Zé Ramalho e Lula Côrtes as misteriosas e místicas itacoatiaras do monumento arqueológico paraibano, que se inspiraram as 14 faixas do álbum psicodélico. O artista gráfico havia conhecido a mística Pedra do Ingá através do professor Leon Clerot, engenheiro civil carioca, filho

de pai francês e mãe espanhola, que emigrou para a Paraíba na segunda metade dos anos 1940 e permaneceu por aqui até 1967, quando faleceu aos 78 anos de idade.

Diferente do que circula em alguns portais, no entanto, o encarte de Paêbirú não é de Raul Córdula Filho, mas de Katia Mesel, esposa de Lula Côrtes à época, esclarece o próprio artista paraibano. “Tem um desenho do próprio Lula e fotografias do irmão de Katia (Fred Mesel). O que eu fiz em relação ao disco foi uma espécie de curadoria, se o termo existisse na época, com um texto que inspirou o disco, além da minha participação na letra da primeira faixa, ‘A trilha do Sumé’”, revela, acrescentando que voltou à Zé Ramalho em A Peleja Do Diabo Com O Dono Do Céu (1979)

Foto: Reprodução



'Paêbirú': lendário LP de Lula Côrtes e Zé Ramalho tem curadoria de Raul Córdula, que chegou a participar da letra da faixa 'A trilha de Sumé'

No Correio das Artes

Em um tempo no qual as galerias não eram comuns e as páginas do Correio das Artes funcionavam como vitrine para muitos artistas locais, Raul Córdula também atuou no suplemento literário mais antigo do Brasil em circulação. Em matéria publicada no próprio Correio das Artes de março de 2019, por ocasião dos 70 anos da publicação, Dyógnés ponderava que artistas como Raul Córdula e Archidy Picado, por exemplo, davam expediente, ilustrando diuturnamente as páginas do Correio e também de A União. “Essa produção reflete muito a obra deles naquela época”, afirmou.

Na mesma publicação, o próprio Raul Córdula cravou: “O Correio das Artes e a Rede Globo foram as minhas duas escolas”, afirmou o artista, lembrando de sua passagem como cenógrafo na empresa de televisão. “Não chegaram a ser uma escola de arte, mas uma escola de produção”, esclarece. “Ainda hoje, eu sou mais artista gráfico do que pintor, embora toda a minha obra seja pictórica. E acho que isso foi fundamental, não só para mim, mas também para Archidy (Picado, falecido em 1985).

Raul Córdula Filho não tinha mais que 20 anos quando começou a atuar no suplemento literário. Corria o início dos anos 1960 quando o poeta Vanildo Brito, um dos baluartes da Geração 59, propôs que A União voltasse a publicar seu prestigiado suplemento literário.

Com uma força do professor Raul Córdula, pai do artista, o Correio das Artes voltou às ruas, rebatizado como A União nas Letras e nas Artes, sob o comando tanto de Raul Filho, quanto de Vanildo Brito, que definiam as pautas de cada edição (que passaram a sair semanalmente) na antiga (e lendária) Churrascaria Bambu, no Parque Solon de Lucena (Lagoa).

“Era tudo muito simples e ninguém era empregado. A gente fazia tudo de graça e vibrava quando saía uma edição”, recordou Raul Córdula, antes de acrescentar: “Eu fui mais influenciado pelo Caderno B (suplemento de cultura do diário carioca Jornal do Brasil) do que qualquer outra coisa. Para você ter uma ideia, o caderno era diagramado por Amilcar de Castro (escultor e artista plástico que revolucionou a diagramação de jornais no Brasil)”.



Foto: Reprodução / Instagram



23 curtidas

raulcordula.arte MEU AVÔ MATOOU UMA ONÇA - Guache e nanquim sobre papel, década de 1970. João Pessoa. Faz parte da série referente à aventura de meu avô, Dr. Vicente Cordeiro de Barros Trevas, contada a mim por seu filho, meu tio Edson Trevas, quando meu avô lutou e matou uma onça, com um tiro de espingarda e um facão de desmatar, na Serra dos Ventos, interior de Pernambuco.

OUTUBRO 6, 2022

Entusiasta da internet, Raul Córdula tem apresentado sua obra às novas gerações a partir da internet. Em postagens como esta, ele revela curiosidades sobre seu trabalho

O resgate da arte feminina ante a invisibilidade social

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

As mãos de artistas femininas deixaram suas marcas na cultura das comunidades às quais pertenceram desde os tempos mais remotos. A presença de mulheres artistas está nas pinturas pré-históricas, registrada na obra *Historia Naturalis*, do historiador e naturalista Plínio, o Velho (ano 23 da era cristã), nos traços das iluminuras da Idade Média e em muitos outros registros dos séculos vindouros. Mesmo assim, elas não tiveram a mesma visibilidade que os homens nessa trajetória. A herança injusta, marcada não pela falta de talento delas, mas pelo diminuto prisma em que o olhar da sociedade se voltou a essas artistas, ainda hoje faz parte da realidade de muitas mulheres.

Como forma de resgatar a memória da arte feminina na Paraíba, a professora, pesquisadora e escritora Madalena Zaccara coordena um projeto acadêmico que visa investigar e fazer um perfil de artistas visuais no Estado. Intitulado *Mulheres Artistas da Paraíba*, a iniciativa integra um programa de Pós-Graduação em Artes Visuais desenvolvido, conjuntamente, entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Até agora, os pesquisadores levantaram 110 nomes de mulheres que se dedicaram à vida artística no Estado.

Madalena Zaccara, professora da UFPE e pós-doutora em História da Arte, investiga e escreve sobre arte e gênero com foco no Nordeste brasileiro há dez anos. Ao longo dessa trajetória já assinou três publicações sobre o tema: *De sinhá prendada a artista visual: os caminhos da mulher artista em Pernambuco* (2017), *Mulheres artistas Brasileiras na École de Paris: entre a academia e as vanguardas* (2021); e *IAC: Gênero & Memória* (2022).

Segundo Zaccara, o projeto que está em curso investiga a história das mulheres atuantes nas artes visuais da Paraíba desde a década de 1970 até os dias atuais. “Nossa intenção é identificar e mapear a produção artística dessas mulheres, analisando sua contribuição no cenário local e nacional”, afirmou.

Para identificar e traçar o perfil de cada nome citado no projeto, são adotadas diferentes formas de coleta de informação. Os estudiosos visitam museus e galerias, realizam entrevistas e pesquisas em fontes documentais e bibliográficas. A ideia do trabalho é, após a compilação dos dados, divulgar e valorizar o legado dessas autoras criativas que, segundo a professora, muitas vezes teve a produção “negligenciada” no decorrer da história. “O projeto tem como objetivo promover a igualdade de gênero no campo artístico, destacando e desvelando a história das mulheres artistas”, acrescentou.

A conclusão do projeto está previsto para 2025. As informações coletadas serão registradas em um livro de história da arte e também divulgadas em uma exposição. A intenção é difundir os



FOTOS: REPRODUÇÃO



Telas de Analice Uchôa, Celia Gondim e Manu da Paz (de cima para baixo) são exemplos da arte feminina produzida na Paraíba, e que estudo conduzido pela UFPB e UFPE procura dar mais visibilidade ao protagonismo feminino nas artes visuais

achados para toda a sociedade. Com isso, o trabalho alcança uma amplitude que vai bem além da comunidade acadêmica, pois tenta promover uma “sociedade mais justa e igualitária”, em que as mulheres possam ter o devido reconhecimento na cena artística e cultural da Paraíba e do país, exaltando a obra daquelas que foram invisibilizadas pela memória cultural de sua época.

O *Mulheres Artistas da Paraíba* tem como coordenadora adjunta a professora da UFPB Sabrina Melo, que leciona no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, desenvolvido entre a UFPE e a UFPB. O projeto ainda conta com colaboradores e a participação de alunos de graduação e pós-graduação das duas instituições. Segundo Sabrina, o projeto contribui para romper com a invisibilidade histórica enfrentada por mulheres no campo artístico, e oferece um espaço de notoriedade e reconhecimento. “Isso permite que essas artistas sejam ouvidas, apreciadas e valorizadas”.

A professora afirmou que essas mulheres precisam conhecer umas às outras, criarem vínculos coletivos e se fortalecerem no universo artístico. “Além disso, o projeto aglutina nomes de artistas que se encontram esparsos na historiografia, contribuindo para pesquisas futuras que tenham como mote a questão de gênero na arte paraibana. O projeto ainda possibilita a construção de uma narrativa artística mais diversa e inclusiva na Paraíba, mostrando que sim, temos artistas mulheres atuando no cenário artístico”, enfocou Sabrina.

A pesquisa realizada pela equipe ainda enriquece o cenário cultural local, trazendo novas temáticas, abordagens e linguagens artísticas que refletem a pluralidade de vozes e experiências dessas autoras.

Além do livro e da exposição previstos para serem realizados na conclusão do projeto, Sabrina destacou que, no decorrer do estudo, há a pretensão de publicar artigos em revistas acadêmicas e também serão apresentados trabalhos em eventos da área. Um desses eventos é o 32º Encontro Nacional da ANPAP - *Formas de vida*, que contará com a apresentação de dois artigos frutos desse trabalho. Um texto irá abordar a trajetória da artista Maria dos Bichos, e o outro o coletivo *Mulheres da Arte Naïf PB (Cmana-PB)*.

Reconstrução da memória feminina

Um dos trabalhos pioneiros no mundo, citado pela professora e escritora Madalena Zaccara, que suscita a discussão sobre a memória da mulher na arte brasileira, é o artigo da historiadora de arte americana, e feminista, Linda Nochlin. Publicado em 1971, o texto de Nochlin pergunta: *Why Have There Been No Great Women Artists?* (Por que não houve grandes mulheres artistas?).

Outras publicações sobre o tema sucederam o artigo da americana. No Brasil, abraçaram o debate nomes como o da escritora e professora da Universidade de São Paulo (USP), Ana Paula Simioni, bem como o da pós-doutora em Artes Visuais e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Daniela Kern. No âmbito mais regional, vale citar os livros de Madalena Zaccara, que abordam questões de gênero e o apagamento das mulheres artistas na História da Arte.

De acordo com Madalena, as poucas iniciativas que con-

templam a mulher artista não são suficientes para englobar a gama de informações que precisam ser investigadas e divulgadas. “Particularizando-se o caso da Paraíba, muito pouco se sabe sobre as artistas que atuaram e atuam no estado, e que foram e são esquecidas pela história da arte paraibana. Em um contexto de pesquisa parco de publicações e visibilidade em História da Arte feminista, destaca-se esse olhar ainda ausente sobre obras voltadas para o resgate da presença da mulher artista no Estado”, enfocou Zaccara.

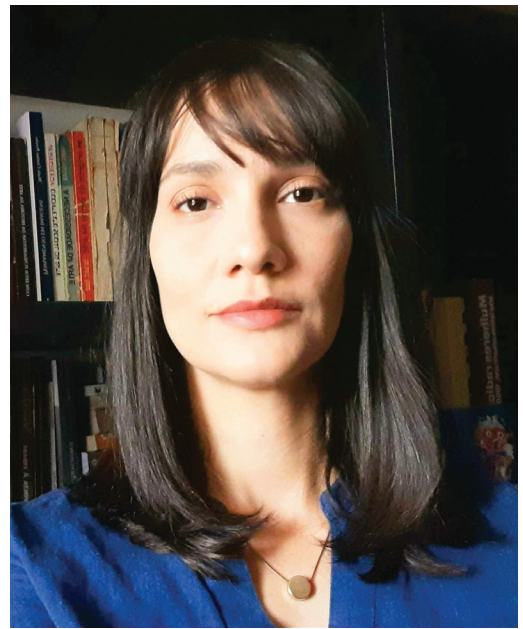
Ela ressaltou que essa reduzida bibliografia não é, porém, prerrogativa da historiografia paraibana, apesar de no Estado esse traço ficar evidente. E uma das justificativas para o escasso registro está no fato de a narrativa histórica ser escrita, basicamente, por homens, que se abstiveram de incorporar às suas preocupações o sujeito feminino.

Todo esse contexto norteia o projeto *Mulheres Artistas da Paraíba*, que busca resgatar a presença da mulher nas artes visuais paraibana desde os anos de 1970. “E que tem como marco o artigo de Linda Nochlin, com ênfase na pós-modernidade. Esse registro estende-se até os dias de hoje, quando aparentemente essa exclusão pertence ao passado”, ressaltou Madalena.





Madalena Zaccara: "Pouco se sabe sobre as artistas que atuaram e atuam no estado, e que foram e são esquecidas pela história da arte paraibana"



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Para Sabrina Melo, projeto possibilita construção de narrativa artística mais diversa e inclusiva

IMAGEM: DIVULGAÇÃO



Obra de Leticia Lucena, artista integrante do Coletivo de Mulheres de Arte Naif Paraiba (Cmana-PB)

Coletivo de Mulheres da Arte Naïff

O projeto *Mulheres Artistas da Paraíba* engloba as integrantes do Coletivo de Mulheres da Arte Naïff Paraíba (Cmana-PB) formado por 10 mulheres dedicadas à expressão naïff, veteranas e estreadoras, nascidas ou residentes no estado há mais de 20 anos. Criado em julho do ano passado, o Coletivo surgiu de uma conversa entre a artista naïff paraibana, Analice Uchôa, e o produtor cultural Paulo Aurélio.

De acordo com a artista visual Letícia Lucena, a ideia é destacar o potencial feminino da Paraíba nesse universo cheio de cores, formas e inspiração. Além de Letícia Lucena, o grupo reúne as artistas visuais Ana Lima, Analice Uchôa, Célia Gondim, Laucilene Rocha, Lu Maia, Márcia Margarida, Manu da Pazz, Patrícia Lucena e Val Margarida.

A artista visual, Célia Gondim, afirmou que o grupo tem como principal objetivo lutar pela igualdade de gênero nas artes visuais, em especial na expressão Naïf, no cenário estadual, nacional e internacional. “Com sororidade e companheirismo, de forma organizada e dinâmica, visando o protagonismo feminino. Acreditamos que as mulheres ficam mais fortes quando se unem”, acrescentou Célia Gondim.

Segundo ela, a ênfase nessa expressão artística ocorreu porque o grupo também tem o propósito de reescrever a história da Arte Naïf na Paraíba, reafirmando o importante papel feminino nessa construção.

Para a artista visual Ana Lima, apesar das inúmeras conquistas, é notório que as mulheres ainda sofrem resistência de “aceitação e reconhecimento” em ambientes historicamente “rotulados como masculinos”. “E, nas artes visuais, isso não é diferente.”

Para enfatizar os nomes de artistas femininas no estado, o Coletivo realiza ações como a exposição *Sororidade*, realizada em março deste ano na galeria do Celeiro Espaço Criativo,

em João Pessoa. A iniciativa marcou o lançamento oficial do Coletivo e fez uma homenagem póstuma, dedicada a cinco mulheres de expressão naïff. Algumas faleceram há quase 30 anos, outras há cerca de dois: Marby Silva (1972-2021), de Guarabira; Irene Medeiros (1915-1994) de Campina Grande; Dalva Oliveira (1920-2005) de João Pessoa; Isa Galindo (1928-2016), nascida em Caruaru e radicada em João Pessoa; e Alba Cavalcante (1943-2011), de Itabaiana.

Segundo a artista visual Lu Maia, possivelmente, elas não receberam o devido reconhecimento e valor na época em que produziram suas obras. “E vale ressaltar que hoje não é muito diferente. Nesse sentido, estamos sendo atemporais, nos reencontrando, sendo nós, mulheres por outras mulheres, trazendo a história dessas artistas pioneiras em releituras de suas pinturas, ou em obras elaboradas para lembrá-las, imortaliza-las. Ao nosso modo, essas paraibanas são de grande potencial artístico”, enfocou Lu.

Ao comentar sobre a realidade da arte feminina, a artista visual Patrícia Lucena declarou que as ações realizadas pelo Coletivo buscam mostrar à sociedade o quanto a arte das mulheres precisa ser respeitada. De acordo com ela, o desejo de todas é mudar a realidade dessas mulheres, tanto no presente, quanto no futuro. “Principalmente agora, que a Arte Naïf é Patrimônio Cultural na Paraíba, e que há um número significativo de mulheres artistas naïf espalhadas por todo o Brasil. É nosso direito ocupar o nosso espaço por completo. Queremos ser reconhecidas e valorizadas. Queremos a nossa arte em galerias, museus, eventos públicos ou privados”, frisou Patrícia.

Ela ressaltou que as mulheres têm o desejo de empreender por meio da arte que produzem, seja na pintura, xilogravura, desenho, escultura ou qualquer outra manifestação artística. “Queremos o apoio dos governos, por meio de políticas públicas de igualdade”, acrescentou.

Mesmo tendo apenas um ano de existência, o Coletivo de Mulheres da Arte Naïff Paraíba já atua de forma dinâmica no cenário cultural do Estado, marcando presença em feiras, exposições, festivais e outros eventos. Dentre as atividades que participaram estão a *Exposição São Francisco* – no Centro Cultural São Francisco (2022); o *Festival Internacional de Arte Naïf- PB, FIAN*, em Guarabira-PB (2023), onde as artistas foram selecionadas individualmente; a *Exposição Universo Naïf*, no Centro Cultural Ariano Suassuna, do Tribunal de Contas (2023); e a *Exposição Coletiva, Doces e Bárbaras*, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (2023). O grupo ainda atua de forma empreendedora, a exemplo da participação na *Feira de Arte Capim Fashion*, no Ville des Plantes (2023).

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entre veteranas e estreadoras, o Cmana-PB é formado por 10 mulheres dedicadas à expressão naïff

Um pouco sobre as integrantes do Cmana-PB

1. Ana Lima: gravura, desenho, pintura e fotografia (João Pessoa)
2. Analice Uchôa: pintura, escultura (João Pessoa)
3. Célia Gondim: pintura, desenho, escultura e gravura (João Pessoa)
4. Leticia Lucena: pintura, desenho e artesanato; (João Pessoa)
5. Laucilene Rocha: pintura e desenho (São Bento)
6. Lu Maia: pintura, desenho e fotografia (João Pessoa)
7. Márcia Margarida, pintura e desenho (Campina Grande)
8. Manu da Pazz: pintura e desenho (João Pessoa)
9. Patrícia Lucena: pintura e desenho (João Pessoa)
10. Val Margarida: pintura e desenho (Campina Grande)



Para Leticia Lucena, ideia do grupo é destacar o potencial feminino da Paraíba em um universo cheio de cores, formas e inspiração



Para Célia Gondim, coletivo tem como principal objetivo lutar pela igualdade de gênero nas artes visuais



Ana Lima: apesar das inúmeras conquistas, é notório que as mulheres ainda sofrem resistência de “aceitação e reconhecimento” em ambientes historicamente “rotulados como masculinos”

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Patrícia Lucena: “Queremos a nossa arte em galerias, museus, eventos públicos ou privados”



Coletivo surgiu de uma conversa entre a artista naïff Analice Uchôa (foto) e o produtor cultural Paulo Aurélio



Lu Maia comenta exposição com homenagens póstumas: “Estamos sendo atemporais, nos reencontrando, trazendo a história dessas artistas pioneiras”

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Marineuma

MELANCOLIA

O som
da chuva
nas telhas,
nas plantas,
nas pedras,
nos vãos.

A água
correndo
nas calhas,
nas bicas,
nas ruas,
no chão.

Memória
ativada,
lá vem
a saudade
dos tempos
de outrora
em meu
coração.

DA ARTE

No teatro,
sou palhaço.

Paisagem,
no cinema.

Figura,
na pintura.

Sobre música,
sigo o compasso.

Em literatura,
estou poema.

Na dança,
ensaio passos.

Da vida, me fiz
personagem.

Apenas.

DA IDA

Se me pedir,
eu vou.

Se me chamar,
estarei lá.

Enquanto
der para ir,
pode esperar.

Só não
me peça
para ficar.

Estou enroscada
por entre as voltas
que o mundo dá.

FLUIDEZ

A fumaça
do fogo
que queimava
no aceiro
da estrada
desenhava
e projetava
longilíneo
espectro
que minha
imaginação
aguçava,
me levando
a uma
dimensão
onde meu
coração
se amainava.

RARIDADE

Tão claro
e belo
é o voo
do pássaro
amarelo
que singra
os ares
onde
com nuvens
construo
um onírico
castelo.

VERTEDOURO

Palavras
ácidas
vertem
silêncio
dentro
de mim.

A fala
calada
explode
no peito
e acende
o estopim.

SENTIDO

Eu já fiz
todas as
perguntas.

Agora quero
respostas,
para fechar
as lacunas.

Joguei todas
as fichas
e fiz minhas
apostas.

Não me venha,
por favor,
com evidências
supostas.

Qual seria
a melhor rota,
nessa estrada
comprida?

Alguém pode
me dizer
qual é o sentido
da vida?



De Oliveira



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Marineuma de Oliveira é escritora, doutora em Linguística e professora associada da UFPB. Coordena o grupo Poética Evocare. Mora em João Pessoa (PB).





Um poeta, um psicanalista e uma roqueira

Czeslaw Milosz, um arrebatador poeta polonês contemporâneo

Czeslaw Milosz [segundo o tradutor pronuncia-se Tchésuaf Míuosch] nasceu em 1911 na Lituânia, quando o país pertencia ao Império Russo. Ali e na Polônia fez seus estudos.

Entre 1934 a 37 viveu em Paris onde entrou em contato com as vanguardas estéticas e políticas. Foi então que a literatura passou a ser-lhe deliberadamente um ato político.

Durante a Segunda Guerra entrou na clandestinidade e em Varsóvia combateu os nazistas. Terminada a Guerra trabalhou no governo comunista da Polônia, mas logo desiluiu-se com os rumos deste e pediu asilo na França, sendo então considerado desertor.

Em Paris publica livros condenando a submissão dos intelectuais poloneses ao governo stalinista, o que agrava sua situação em relação ao seu país de origem, mas atrai a admiração, por exemplo, dos Estados Unidos.

Em 1960 é convidado pela Universidade da Califórnia. A carreira acadêmica de sucesso se prolongará por três décadas. Ao final volta a Cracóvia, velho desejo, já que o Nobel de Literatura de



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Czeslaw Milosz: realidade exerce na poesia do lituano, um peso essencial

1980 abre-lhe as portas, derrubando o veto imposto pelo governo polonês.

Milosz foi crítico, tradutor, ensaísta, editor e romancista e falece em 2004 em sua terra natal.

Nas palavras de Marcelo Paiva de Souza, que fez a seleção, tradução e

introdução de para isso fui chamado: poemas (Companhia das Letras, 2003), a antologia “oferece extensa seleta de versos de Milosz recolhidos desde seu livro de estreia, em 1933, até seus derradeiros poemas, já nos anos 2000. (...) Dispostos em ordem cronológica, os textos exibem seu envolvimento – ora sutil, ora direto – com os respectivos contextos históricos e biográficos. E além disso permitem perceber a escrita do poeta como que em processo”.

A realidade exerce na poesia de C. Milosz um peso essencial. Todavia, ao lado da profunda reflexão filosófica, ela é referenciada como uma riqueza do imaginário, nunca como um discurso panfletário ou didático.

Tendo vivido tempestuosos anos na infância e juventude, desde que o pai fora convocado na Primeira Guerra (o poeta contava apenas 3 anos de idade), as seguidas mudanças de cidades e as atrocidades da guerra deixaram fundas cicatrizes na biografia de Milosz – tanto pessoal como socialmente.

O poeta que estreia na década de 1930 é atormentado, marcado pelo catastrofismo. É o que vemos em seu livro de estreia, Poemas sobre o tempo congelado (1933). A dor, a miséria, a destruição, e acima de tudo a morte, ferem a poesia deste livro inicial.

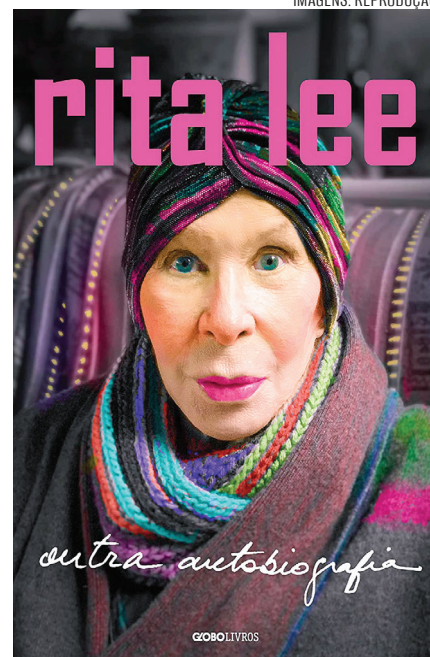
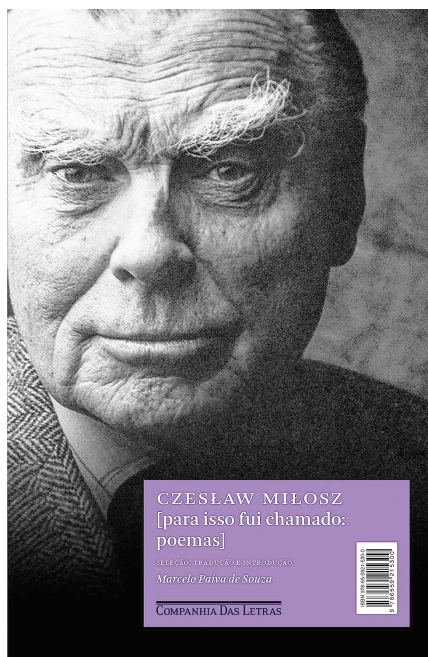
A responsabilidade do poeta diante dos homens, o resgate da esperança pela via da memória, muitas vezes estilhaçada, como os destroços que a guerra gera, passam, no entanto, a ser as novas características deste poeta que não se deixa abater pelos horrores do que presenciou e, acima de tudo, viveu.

Uma poesia calcada na realidade, mas plena de reflexões e do imaginário, serão sua dominante daqui pra frente. O tempo da destruição e catástrofes é substituído pelo tempo da denúncia e da busca de uma identidade de uma humanidade que permaneça coerente e esperançosa. É contínua a busca pela verdade e justiça. A história jamais é esquecida em seus versos.

A poesia de Milosz caminha rumo à universalidade. Já em 1945 é o que anuncia, por exemplo, o poema:

EM VARSÓVIA

Que fazes nos destroços da catedral
De São João, poeta,
Nesse dia quente de primavera?



Capas dos livros de Czeslaw Milosz, Contardo Calligaris e Rita Lee, avaliados neste texto por Amador Ribeiro Neto

Em que pensas, aqui, onde o vento
Que sopra do Vístula dispersa
O pó vermelho dos escombros?

Juraste que nunca serias
Uma carpideira.
Juraste que nunca tocarias
As grandes feriada da tua nação,
Para não torna-las coisa santa,
Maldita coisa santa que persegue
Os pósteros pelos séculos afora.

Mas este pranto de Antígona
À procura do irmão,
Isto vai além da medida
Do suportável. E o coração
É uma pedra em que, como um
inseto.

Resta encerrado o escuro amor
Da terra mais desventurada.

Não queria amar assim,
Não era este meu propósito.
Não queria me condoer assim,
Não era esse meu propósito.
Minha pena é mais leve
Que a pena do colibri. Esse fardo
Sobrepuja minhas forças.
Como habitar este país.

Onde meu pé tropeça nos ossos
Insepultos dos mais próximos?
Ouço vozes, vejo sorrisos. Não posso
Não escrever nada, porque cinco
mãos
Tomam minha perna
E me ordenam escrever-lhes a his-
tória,
A história de sua vida e morte.

Fui então criado para isso,
Para tornar-me uma carpideira?
Eu quero cantar os festins,
Os bosques alegres aonde
Shakespeare me levou. Deixai
Aos poetas um instante de alegria,
Ou vosso mundo perecerá.

Loucura viver assim sem um sorriso
E repetir duas palavras
Voltadas para vós, mortos,
Para vós, cujo quinhão
Devia ser o júbilo dos feitos
Da mente e do corpo,
Das canções, dos banquetes.
Duas palavras sobreviventes:
Verdade e justiça.

Cracóvia, 1945

Por fim, para isso fui chamado: poe-
mas é um belíssimo livro de poemas, de
um poeta que precisa ser conhecido e
lido (ou relido) urgentemente.

O sentido da vida via psicanálise com viés da arte

O sentido da vida, (S. Paulo: Planeta, 2023), de Contardo Calligaris (1948-2021) é mais um bom livro do psicanalista que semanalmente escrevia na Folha e acostumou boa parte dos leitores às suas tiradas geniais sobre o cotidiano. A obra, dividida em três partes distintas e

independentes, percorre a vida concreta – aquela que prescinde da transcendência. Ou seja, mais uma vez, a vida sob a vibe da velha e boa psicanálise.

A primeira parte decorre da entrevista em que Contardo disse não se importar em ser feliz. “De fato, a felicidade sempre me pareceu uma preocupação desnecessária”. A declaração inquietou o ideal de felicidade da maioria das pessoas. A corrida ao livro tem sido a resposta imediata.

O primeiro capítulo, “Felicidade, uma preocupação desnecessária”, discute o assunto. Pena que em apenas 16 páginas – num livro de 141. Lido, fica a sensação de que falta mais, ou ao menos, de que o leitor quer mais. Ah, isso fica mesmo. Talvez porque o autor escreva e pense muito bem. Talvez porque o assunto é deveras instigante. Talvez por ambos os motivos.

O segundo capítulo é um longo relato autobiográfico e familiar, que depois envereda por admirável biografismo intelectual, permeado por literatura, filosofia e pintura clássicas. Ao final, deriva numa reflexão sobre o sentido da vida a partir da morte, para fazer jus a seu título: “Um bel morir”. Título que é citação de um verso de Petrarca, repetido por sua tia Rosalia, quase como um mantra. Como vai se percebendo, Contardo vive numa família de letrados e entre livros. Isso explica, em parte, sua admirável bagagem intelectual.

Por fim, chega-se ao final do capítulo sem que a palavra felicidade seja citada. Embora possa-se inferir sobre ela, é

claro. E é o momento, também, em que o leitor se dá conta de que cada capítulo possui sua independência. A reflexão sobre a felicidade como “uma preocupação desnecessária” fica para trás.

No terceiro e último capítulo, “O sentido da vida e a bizarra obrigação de sermos felizes”, um longo, pungente e apaixonante relato da vida de Contardo com o pai, revela, inclusive, descobertas que fez após a morte do velho. Cada frase, atitude, história que lhe contam, ou ele lembra, é contextualizada naquela Europa da Segunda Guerra; em especial no combate que o pai empreendeu aos fascistas, ora como combatente, ora na insurreição clandestina. Certa feita, como prefeito de uma cidadezinha italiana, recusou-se a prestar juramento à república fascista, pondo em risco a si e à sua família.

A partir do dilema entre ética e estética, também suscitado pelo pai, Contardo indaga-se: “Como, então, julgar se uma vida é/foi boa ou não?”. E ele mesmo se dá conta: “É exatamente nessa altura que a brecha moderna inventa o juízo estético”. Para mais adiante concluir de forma brilhante: “Se nossa escolha moral for singular e espontânea quanto a escolha estética, seremos assustadoramente livres”.

Ao final do capítulo Contardo Calligaris, a partir de um comentário do pai, que considerava os fascistas “vulgares”, continua a discorrer sobre ética e estética, agora apoiado em Kierkegaard, do Diário de um sedutor, ou como ele mesmo diz, “alguém que escolheu a vida estética”.

Da modernidade chega à contemporaneidade discutindo hedonismo e “distração”, que entende como a perda do interesse, “a vida que não merece minha atenção”.

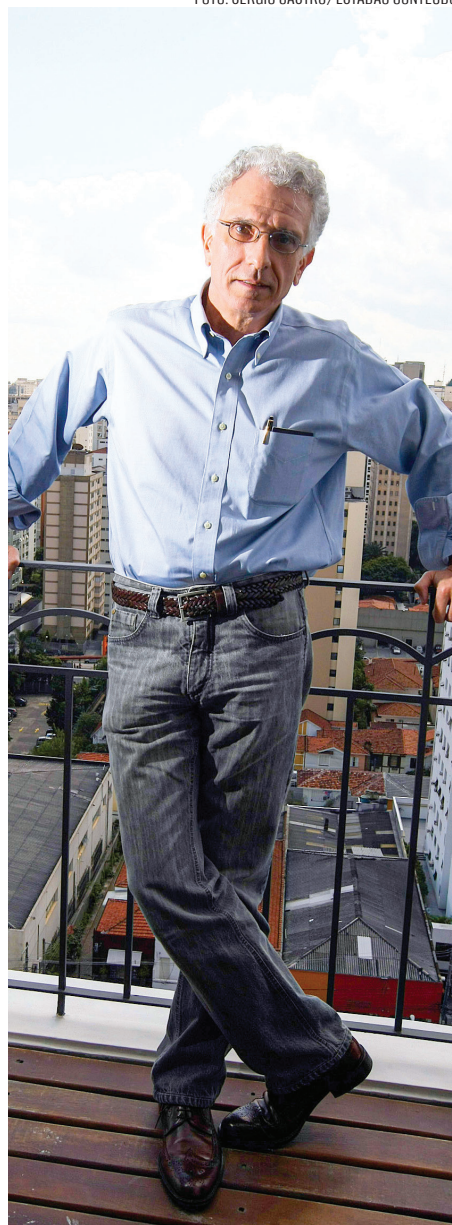
Retomando a entrevista do capítulo inicial: é melhor ter uma vida interessante a ser feliz. Viver com toda a intensidade todos os momentos da própria vida.

Ou nas palavras de Contardo Calligaris: “A qualidade da sua experiência não é definida quando você pode ficar sorrindo do começo ao fim não; todas as experiências são INTERESSANTES”.

Esse é Contardo Calligaris. Durmamos com um barulho desse. Ou melhor: elaboraremos com psicanálise e arte.

Outra autobiografia da mesma impagável Rita Lee

Terminada a leitura de outra autobiografia, (em minúsculas, como grafado na capa do livro), de Rita Lee, (Globo Livros: S. Paulo, 2023) fica a certeza de uma escritora que passou por uma grande barra com



Obra de Contardo Calligaris está dividida em três partes: começa com entrevista, segue com texto autobiográfico e familiar e finalizar com apaixonante relato da vida do psicanalista

o câncer mas que, em nenhum momento abre mão de sua energia de vida, em nenhum momento faz drama. Pelo contrário: mantém a vibe esperta pra segurar a esperança por mais anos de vida. Escrever é um dos modos que encontra para prolongar o presente rumo ao futuro.

Ainda que o assunto seja o tratamento do câncer, o relato não é desesperador. Também não é tranquilo. Ela não tapa o sol com a peneira. Conta todo o sofrimento por que passou – e essas passagens doem na carne do leitor.

Não há lamentação. Rita traz para o texto um tom que não é de penúria nem de dourar a pílula. Tampouco de indiferença.

Não dissimula detalhes cruéis do trata-

mento a que foi submetida. Também não os superdimensiona. Revela os vaivéns com melhoras e retrocessos. É uma doença de inesperados. Não dá tréguas.

O país vivia a pandemia da Covid-19. O governo destemperado de Bolsonaro e meio milhão de brasileiros mortos pela doença. Neste cenário Rita, ao buscar tratamento para reação à vacina que tomara, descobre o câncer.

Internação. Início da imuno, quimio, radio. “Dia seguinte da quimio, o corpo todo fica dolorido, tipo se eu tivesse lutado com Mike Tyson. A dor em si não é lá essas coisas, mas parece que meus músculos puxaram ferro. De repente, então, bate um segundo de felicidade de estar viva e esqueço que estou doente. É um jorro de luz que em envolve por segundos. Sinto não estar só e, com um rabo de olho, dá pra perceber a presença, mesmo que invisível, da turma da Luz”.

Ao lado das descrições dolorosas, flashes de serenidade, derivada de sua espiritualidade.

As idas e vindas hospitalares, os acompanhamentos médicos na casa do sítio com duas enfermeiras, as adaptações na casa para acolher necessidades e confortos, a dedicação carinhosa de Roberto e filhos, um monte de animais domésticos, muitas plantas no jardim. Enfim, tudo concorre para que Rita sinta-se e fique bem. E, entre outras coisas, ganhe mais peso: seus 37 kg são insuficientes para as aplicações químicas.

Ela atribui ao cigarro o câncer de pulmão “sob forma de tumor por mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa”. Diz que recebia alertas sobre suas causas, mas “eu simplesmente ignorava e até tirava sarro quando alguém me dava um toque”. E conclui com sua típica ironia: “Não esperem que esta velha que ora vos escreve vire garota-propaganda antitabagista com discursinho inútil que, para um fumante, entra por um ouvido e sai pelo outro. Se você pretende parar com um vício, o primeiro passo é “querer de verdade” e se concentrar no seu mind power. Ou aguarde ser merecedora, como eu fui, de uma ‘praga”.

“Vencer um câncer exige foco, coragem e fé e, se conseguir ter bom humor, melhor ainda”, anota, para logo depois entregar-se inteira: “Ficar careca é muito louco, por força do hábito volta e meia passo os dedos para arrumar uma franja-fantasma”. Continua: “Na frente do espelho vejo uma velha à beira do leito da morte, esquelética, despelada e frágil, que se durasse um mês seria muito”. Para em seguida, ao entrar no banho, recompor-se: “Dane-se o visual, entrar no chuveiro e receber a cachoeira de água quente na cabeça e cerimoniais de cura com ervas, esse prazer era impagável, eu secava a cabeça em um minuto com a toalha”.

Mas não se pense que este seja um livro

de autoajuda: Rita defende o direito à morte digna. O tempo todo se refere a seu tratamento sem autocomplacência.

Defende o uso da maconha para o sistema medicinal: “O Brasil sai perdendo diante da possibilidade de ser um grande exportador de produtos à base de cannabis. Temos apenas um laboratório que fabrica o óleo, chamado Abraça Esperança, na Paraíba”.

Em momento algum propõe-se a fazer a cabeça do leitor. Esta é sua bandeira desde uma autobiografia (Ed. Globo, 2016), mesmo quando falava de drogas, da dissolução dos Mutantes, da sua prisão grávida em plena ditadura militar e de outros temas polêmicos. Nunca atravessou tentando persuadir o leitor a nada.

Era transparente, coerente. Nunca fez concessões à hipocrisia. A franqueza sempre foi sua praia.

Rita Lee é uma escritora atenta à linguagem. Há trechos com as tiradas tipicamente “LEEnianas”, com as quais já nos familiarizamos, e outros marcados pela profundidade em que vive e reflete acerca dos momentos de dor.

Entre os capítulos “refrigério” há lembranças do modo de compor canções, a visita, como cadeirante, à exposição “Rita Lee” no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, numa segunda-feira, quando não abre ao público, as histórias de amizade e shows com Gal Costa e Elza Soares, o divertido resumo de sua autobiografia que faz para quem não leu o livro anterior e a história de um rapaz que encontrou andando pelo acostamento, enquanto dirigia, e mais adiante, ao se deparar com um acidente de carros, o encontro com o corpo do mesmo rapaz estirado no chão da estrada.

Mas de tirar o chapéu é o desprendimento de Rita ao relatar agora, décadas depois, a alteração que fez na letra da “Balada do louco”, que originariamente foi composta no feminino, “mas tive que mudar para o masculino para um dozmano Mutante cantar. Tinha um pedaço que dizia: “Se elas são bonitas / Sou Brigitte Bardot / Se elas são famosas / Sou Luz del Fuego (escrevi assim mesmo, com acento circunflexo pra rimar) / Mais louca é quem me diz / E não é feliz”. Doce e generosa Rita.

Volta e meia recebia cartinha de fãs juvenzinhos contando como suas músicas mexiam ou mudavam a vida deles. Ficava toda ancha e escrevia: “dá vontade de pegar todos no colo e cantar baixinho no ouvido de cada um deles: você não está só é só um nó que precisa ser desfeito”. E por fim se despedia: “Meninada, sintam-se beijados pela vovó Rita”.



FOTO: ALEFRATA / ESTADÃO CONTEÚDO

Tratamento do câncer pontua 'outra autobiografia', de Rita Lee: relato não é desesperador, mas também não é tranquilo

Esse humor ela levou para os colegas com câncer, com os quais se encontrava nas aplicações de radioterapia, e aos quais passou a chamar de oncolegas. À máscara que usou nas primeiras sessões de rádio, deu o nome de Leonor. Impagável Rita.

A juventude nunca foi um mito pra ela. Lidando com o rock a vida toda, jamais se importou em manter a imagem de jovem. Por isso não escondeu a cara sofrida, envelhecida e magra, a cabeça careca ou com poucos cabelos das redes sociais. Antes: exibiu. Sempre rodeada do afeto de Roberto e dos filhos, no aconchego da própria casa. O importante é a serenidade que o amor dá a cada pessoa – parecia dizer, feliz.

Somente a força vital de Rita Lee para fazê-la alimentar-se sem sentir fome ou o sabor dos alimentos. Manter-se limpa e dentro das prescrições médicas quando batia a “fissura” de fumar. Deitar à meia-noite e às quatro da manhã estar de pé, sozinha, começando o dia por toda a casa. Preparar-se sem reclamação para cada internação e aplicação química.

Quando a anotação era rápida, e estava sem controle da escrita manuscrita, tinha de recorrer ao tablet. A mulher forte e determinada que sempre admiramos por seus talentos, garras, lutas em inúmeras frentes sociais, corta nosso coração quando lemos em seu livro:

“Ontem, 23 de setembro de 2023, caiu a ficha de que vou passar os próximos anos por conta desse tratamento, e que ele volta e meia vai me obrigar a ir ao hospital para fazer exames de acompanhamento de três em três meses. Minha Pollyanna se antena e joga o Jogo do Contente, pois sempre existe um lado bom: vou me curar, sim. Mas isso não

significa que nunca mais algo vá reaparecer em outro PET Scan”.

Ela queixa-se de que nunca ter aniversário porque a data é 31 de dezembro. Então resolve mudar para 22 de maio, dia de Santa Rita de Cássia. Assim, planeja o lançamento desta outra biografia também para este dia. Morre duas semanas antes, em 8 de maio.

Conseguiu escrever uma biografia com reflexão não apenas sobre sua vida mas sobre a vida humana em geral. Um grande livro de uma grande mulher. Deixa-nos uma obra que fica para sempre na história da música popular brasileira e na história da cultura brasileira.

As ideias de Rita Lee compõem parte significativa da antropologia social contemporânea brasileira. Sua linguagem é potente: abriga um segredo que ela mesma desvenda: “Sou tão distanciada de mim mesma que pareço estar falando de uma amiga de infância querida que eu conheço há muito tempo e só reencontrei agora. Somos tão parecidas e tão diferentes. Enfim, posso dizer que agradeço minha querida EU, o prazer que tive sendo ela”.

Nós, cada leitor seu, cada ouvinte de suas canções, temos o prazer de continuarmos a ser RITA LEE em suas canções, em seus livros, em toda sua arte.

Obrigados, Rita Lee, por fazer-nos melhores e mais felizes. Isso você fez e faz e continuará fazendo até o fim de nossas vidas. Evoé, Rita Lee!

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



É chegada a hora

Rosilene Leonardo da Silva
Especial para o Correio das Artes

A água avermelhada escorria em meu corpo depois de muitos esfregões, seguidos de arranhões com o esforço dançante de minhas mãos e a bucha. Era o barro do cemitério que comia minha carne se entranhando entre as unhas, pelos e pele demorando a sair, exigindo de mim, paciência ou impaciência. Não era um banho simples que resolvia, às vezes água quente e os pés de molho no vinagre para arrancar o encardido ou o couro

que ainda parecia quente daquele chão ressecado e sujo.

Depois do banho ritualístico, sentava-me em sinal de penitência para tomar a sopa lançada aos sopapos, ou um bote certo ao ponto de respingar caldo em meus braços e meu rosto. Para minha sorte estava fria, a meu ver a mesma frieza das mãos magras de minha mãe e da expressão enrugada de seu rosto, com um sofrimento encapsulado de ignorância num retrato

triste como se acabasse de chegar de um enterro. Era o que eu mais via: rostos pálidos, frios, sendo cobertos por barro vermelho de pá em pá, mas era o silêncio de minha mãe e aquele macarrão que parecia se mover iguais lombrigas, que me aproximavam da morte, aquela dividida entre os túmulos do campo santo, mas que de santo não tem nada.

Como poderia ser santo um jazigo de um comboio de merda? O banho

parecia não ter servido e uma sujeira maculava além de minha matéria trazendo constantemente imagens estranhas, tinha a impressão de ver pessoas batendo no caixão, gritando, ou de vermes comendo a carne podre, embrulhada na mortalha servida como recheio da madeira escura. Logo, a ânsia de vômito me instigava a afastar aquele prato me incriminando por enterrar mais um. Maldita memória, maldito emprego - frio, insosso e sem vida como a sopa sagrada de todos os dias, a palidez dos defuntos e o rosto esquisito de minha mãe.

Até que o barulho do bico do urubu quebrava o silêncio da casa, engolindo como se fossem minhocas os fios compridos de macarrão branco, bicando os poucos grãos de arroz que pela fome do bicho saboreava inchados tapurus e os couros de frango que temperavam sem sucesso a sopa renegada por mim, por mais que eu fugisse dessa estranheza todos os dias, minha cabeça aticava o estômago confundindo o couro da sopa com a pele dos defuntos que se desmanchavam embaixo da terra.

Ele comia, se desequilibrando e assustado com a presença de minha mãe que volta e meia aparecia para lavar a louça ou regar as suculentas que insistiam em enfeitar a cozinha apática. Depois o bicho pousava em meu ombro sem exigir afago, precisando somente sentar, repensando sobre a morte que digerira enquanto eu cavava outros buracos naquele cemitério. Era eu e o urubu, cada qual deixava pela casa o que tinha dentro de si. Ele, as penas pretas e sem graça, eu a falta de fome, a inércia e a vontade de vomitar ao sentir o cheiro da sopa fria.

Os túmulos que eu conhecia ao ponto de ter decorado seus donos, lápides novas e luminosas, outras resistentes ao tempo, ao sol que apagava os nomes, talvez como foram apagados da vida dos que choraram a efemeridade do luto – eu, frio como a sopa de todo dia, julgava-os: hipócritas. Não só os túmulos, nem o barro vermelho na barra de minha calça dobrada, mas os muitos gatos sentados sobre as paredes do cemitério, os urubus que esgorjavam a carniça que nem havia esfriado ainda.

Mortos de fome, pensava eu. Raça nojenta, acanalhada e egoísta, repositores da morte. As flores de plástico que nem de longe imitavam as flores de um jardim. Não se via beija-flores ali, somente varejeiras pintando as pétalas. Esses eram os elementos que montavam a cena na labuta do meu

dia e personificavam a morte que ali dormia. Minha testa banhava de suor no esforço repetitivo de meus braços cavando mais um buraco cada vez que o pedido era feito, e isso se tornava mais pesado porque no meu ombro estava o urubu, o maldito encravava as unhas para se equilibrar, lavava minha camisa que já não era essas coisas, atirando a miserável pasta fedida. Seu peso dobrava, enevoando meus pensamentos. Nem sabia quem pesava mais – se a ave dos infernos ou a morte. Quem sabe os dois juntos? O que sei é que minha corcunda se encaramujava.

Nem era o momento, mas pensava nos pombos-correios, aqueles de filmes que levam mensagens para as pessoas, alimentando minha santa ignorância, a ave branca carregava em si a leveza da paz. Enquanto isso, o suor descia para a ponta do meu nariz fazendo-me cócegas, então eu metia os dedos sujos com barro do cemitério.

O animal me enlutava por cada morto que eu encaixava no buraco. Vez por outra, ao mudar a posição para aguentar a dor nas costas, o urubu alçava voo à procura de restos, voltava com bico e garras ocupados e um mau cheiro de engulhar. Por que não o pombo-correio? Ou um papagaio daqueles que servem de companhia aos donos? Tinha mesmo que ser um urubu, reciclando a morte em formato de barro que se impregnava em minha carne fazendo-me lembrar o micróbio que eu era, me decompondo assim como os merdas que jaziam por ali.

Dormir? Mal dormia. Não sei porque morria tanta gente, era difícil imaginar aquele ofício como uma empresa que atendia clientes exigentes, nem uma repartição pública onde se desejava bom-dia, não era do interesse das pessoas visitá-lo e quando iam, somente se derramando em lágrimas, ou em dor, ou em falsidade.

Doía, de algum modo doía nos outros e em mim, a saudade de quem nunca ouvira falar, doía-me o olhar do urubu e os sobrevoos que fazia quando mais um ia comer o mesmo barro vermelho que encardia meus pés. O bicho miserável ficava feliz com a reserva de morte que a terra lhe guardava. Então, eu baixava a cabeça,

engolia um cuspe seco e travoso e mais uma vez me apossava dos instrumentos de trabalho – uma enxada, uma chibanca e uma pá, sem esquecer das cordas.

Cabia a mim preparar o último leito, a última casa. Nem dormia, nem descansava e num sobressalto assustava o urubu, que cochilava na cabeceira da cama até os batidos da porta de minha casa que, inclusive, não indicavam visitas, apenas mais um querendo marcar horário do enterro e marcar local do buraco.

Minha mãe avisava-me, levantando a cortina com o braço direito porque o outro não tinha tanta agilidade, reclamando do mal cheiro que pairava na atmosfera do meu quarto, e sinceramente parecia meu local de trabalho. Quando criança, se aparecia uma ave dessas sobrevoando nosso quintal, meu irmão me mandava tomar banho balançando a mão sobre o nariz, e sempre confirmava que eu era a carniça. Creio que se cumpriu a desgraça e nem a janela aberta tirava a inhaca das decomposições que ali se infiltravam.

Eu, vigiado por um urubu que abria as asas e girava pelo chão como se anunciasse as notícias das mortes, antes mesmo das batidas na porta. Restava-me arrepiar e me tornar ingrato diante do Deus todo poderoso, por não agradecer esse emprego. Até duvidava se fora mesmo Ele que me dera esse ganha pão dos diabos. Na dúvida, compreendia o urubu e num conformismo covarde me embaçava no nevoeiro, dessa vez mais intenso, à altura da cama, fazendo-me tropeçar no tamborete ao lado da cômoda. E com um esforço, sacudia as bostas secas da camisa, vestia a calça que estava pendurada no torno da parede, batia no ombro indicando permissão para que o urubu se ajeitasse, e ele obedecia olhando-me com sua natureza predatória. Assim, esperava que eu desse o primeiro passo e eu dava, porque era chegada a minha hora.

Rosilene Leonardo da Silva é natural de Princesa Isabel (PB), professora de Língua Portuguesa, com especialização em Psicopedagogia Clínica. Poetisa e escritora, membro da Academia Princesense de Letras e Artes, coordena o Grêmio Literário Joaquim Inojosa, é membro correspondente da Academia de Letras do Sertão de Pernambuco e é secretária do Memorial Pereira Lima.

Zé Dantas e Das Dores

NELSON BARROS
Especial para o Correio das Artes

Essa história que vou lhes contar aconteceu no interior do Ceará. Um desses encontros que a gente não esquece.

– Eu posso me sentar aqui do lado do senhor?

– Pode, sim – respondi – mas não precisa me chamar de senhor.

– É só respeito. O senhor não é daqui não, né?

– Sou, não. Moro em João Pessoa, mas sou pernambucano.

– Eita, Pernambuco é lugar de cultura. Aqui por perto, a gente só tem Patativa do Assaré, conhece?

– Tá! E o senhor acha pouco? Conheço Patativa e gosto muito.

– Que coisa boa... mas me diga, o senhor tá doente de quê?

Aqui eu informo que estava na sala de espera de uma policlínica, na cidade do Crato.

– Não estou doente de nada. Vim trazer meu companheiro que está se sentindo mal do estômago.

– Ahhh... eu vim no doutor do coração. Ando sentindo umas coisas no peito. E emendou:

– O senhor é casado?

– Pois então... esse é o meu companheiro. Não sei se o senhor vai considerar casamento...

– Meu amigo, ele disse, se é amor, é de Deus. Eu sou casado já faz mais de 50 anos. 50 anos, repetiu como se espantado, com a mesma mulher. Nunca trai ela, o senhor acredita?

– E não ia acreditar por quê?

– Porque o povo diz que todo homem trai. Quando conheci Das Dores, fiquei doido por ela na mesma hora. Eu disse pra mim mesmo: vou me casar com essa danada. Pense numa menina bonita. Pelo menos, eu achava. No começo, ela se fez de difícil, disse que o pai não ia deixar. Eu não tive conversa. Fui ter com ele e falei do meu sentimento. Ele me disse que não estava sabendo de nada, não. Aí eu entendi que ela não queria nada comigo e decidi ficar na minha, que eu não ia querer uma pessoa que num gostasse de mim. Passaram-se uns dias, ela me procurou. Perguntou se eu tinha desistido. Eu disse que sabia que ela não gostava de mim. Ela perguntou de onde eu tinha tirado isso. Só não queria que eu pensasse que era moça fácil, essas coisas... Conversa vai, conversa vem, a gente começou a namorar. Ela foi minha primeira. Eu não sabia nem beijar. Ela tampouco. Mas parece que essas coisas não carece de aprendizado não, né? Nenhum dos dois errou o caminho. Só lhe digo que eu trabalhei feito um condenado, comprei uma casinha, onde a gente vive até hoje, mas que já tá muito melhorada, que Das Dores é caprichosa. Dois anos depois a gente tava casado.

– E vocês têm filhos?

– A gente num tem filho não, senhor. Parece que o problema é comigo. Mas também vou lhe dizer que não senti falta. Quando a gente viu que não ia ter filho, ela me perguntou se

eu achava ruim se ela fosse ensinar no grupo escolar. E eu ia achar ruim? Ela dava aula no grupo de manhã e, de tarde, dava aula particular. A casa vivia cheia de menino. Ela foi tão querida na escola que, quase todo fim de ano, recebia homenagem. Se aposentou faz uns três ou quatro anos. Nunca pegamos uma briga, o senhor acredita? Quer dizer, ela é braba que só, mas eu nunca dei cabimento. Mulher é assim, tem aqueles dias... e a vida da gente era boa. Todo domingo a gente ia ao cinema. E ela gostava de tomar uma cervejinha na churrascaria de Arnaldo. Eu também gostava, mas, depois que ela não pode mais, deixei de gostar.

– E ela não pode mais por quê?

– Pois então, doutor (fui promovido de senhor a doutor no meio da conversa), de uns tempos pra cá, ela foi ficando esquisita. Irritada, esquecida, ciumenta sem motivo... eu pensei que ela tava ficando doida. Fui até num médico em Fortaleza que disse que ela tava com um tal de “Alzáime”. Ô doença da bixiga! De uns três meses pra cá, ela deixou de me conhecer.

– Tem um banquinho lá fora. O senhor quer se sentar lá pra tomar um arzinho? Eu vou junto...

Ele se levantou e me acompanhou.

Sentamos no banquinho, ele tirou um lenço dos olhos e passou nas lentes dos óculos. Mas eram os olhos que estavam marejados. Botei a mão no joelho magro dele e disse que, se quisesse chorar um pouco, ali só estávamos nós dois. Mas ele não chorou.

– Ela não sabe mais quem eu sou.

– Mas o senhor sabe quem ela é.

Aí, sim, ele chorou um tantinho de nada e apertou minha mão, que ainda estava no joelho dele.

– Como é o nome do senhor?

– Zé Neto. Quer dizer, meu nome todo é José Miguel Dantas Neto. Mas todo mundo me chama de Zé Neto. Já Das Dores me chamava de Netinho, Dantas, Dantinha... dependendo da hora... só que agora ela não me chama mais de coisa nenhuma. Fica ali, com aquele olho parado, olhando pro nada... eu sinto tanta falta, meu filho (fui promovido de novo). Você acha que vou conseguir viver sem ela?

– Vai, sim, seu Zé Dantas. Só que não vai ser fácil, não.

– Eu já entendi, isso. Mas tô com medo de não aguentar.

A gente se calou um tempo. Eu queria dizer alguma coisa boa pra ele, mas não saía nada da minha boca. Senti saudades de Das Dores sem nunca ter lhe visto.

– Senhor José Miguel Dantas... a atendente da clínica chamou.

– Eita, meu filho, chegou minha vez... mas deixe eu lhe dizer uma coisa: eu agora tô me sentindo bonzinho, bonzinho. Só vou pra consulta porque já marquei... muito agradecido por ter me escutado. Eu nunca vou me esquecer do senhor. E, que ainda lhe pergunte, o senhor trabalha com quê?

– Eu também não vou me esquecer do senhor. Respondi, tentando escapar de dizer que era psicólogo. Não quis que parecesse uma conversa de profissional, mas um encontro de dois homens onde houve confiança e empatia. Até porque eu estava extremamente comovido com nossa conversa.

– Boa sorte pra você e seu companheiro!

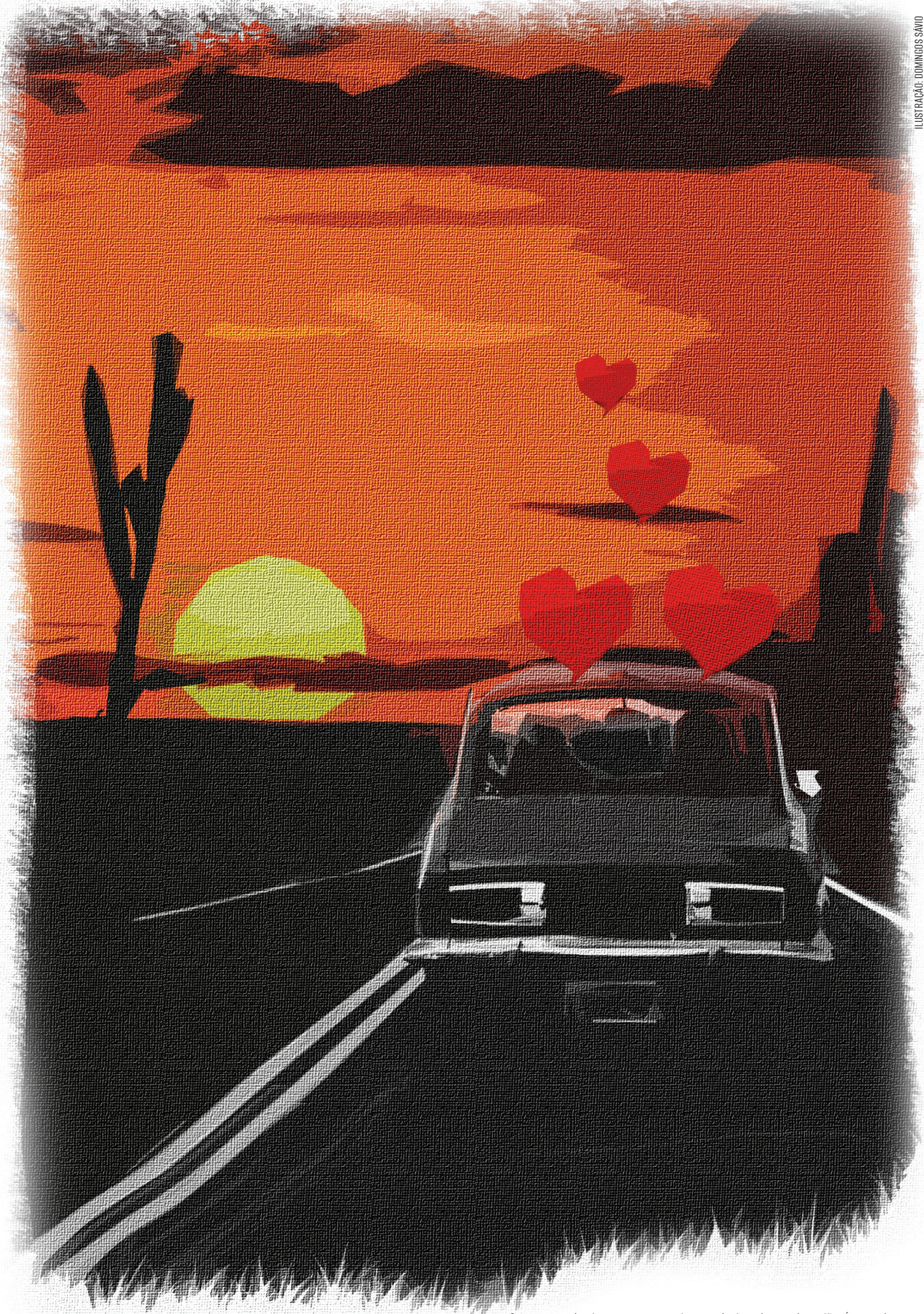
– Boa sorte para o senhor, também. E pra sua Das Dores.

Quando voltei para a sala de espera, era também a vez de Hirllen fazer sua consulta. Entramos juntos, o médico nos tranquilizou de que não era nada sério e, enquanto nos dirigíamos para o carro, ele me perguntou:

– E aquela conversa toda?

– No caminho, te conto.

Contei tudo, e ele não me disse nada. A gente botou a mão no joelho um do outro e voltou pra casa em silêncio, vendo o sol alaranjando a estrada, naquela horinha bonita da tarde.



Nelson Barros é psicoterapeuta, cronista e colunista do Jornal A União. É autor de 'Coisas que escrevi para ela', 'Trilha Sonora', 'Tarot Poético', 'Como Desenhar Uma Flor Adorável' e 'Menino'. Pernambucano, mora em João Pessoa (PB).



Praça dos velhos

Algumas colunas atrás, eu falava da Rodoviária Velha de Campina Grande e do hábito dos campinenses de consagrar os lugares não pelos seus nomes oficiais, mas pelo referencial da idade, do seu tempo de permanência na geografia urbana. Assim como os terminais rodoviários, há também os dois açudes: o novo e o velho, ambos batizados com nomes que ninguém conhece porque o que ficou foram suas faixas etárias.

“Vai pra onde?”, pergunta o caroneiro. “Vou pra rodoviária”, responde a carona. “A nova ou a velha?”, fica a questão renitente. “A nova”, enfim se complementa, e o ponto é mais preciso que qualquer GPS ainda que, a rigor, tanto a rodoviária quanto o açude já sejam um tanto “velhos” (um com quase cinquenta e a outra com quase quarenta anos) e, a julgar pela aparência, em termos de açude, o Velho seja muito mais moço que o esquecido Novo (sempre meio descuidado, ali perto do badalado Parque Povo).

Não era assim com os cinemas, quando esses imperavam na paisagem citadina e não haviam se convertido em templos apócrifos para igrejas, farmácias e quadras de tênis de praia. Havia dois: o Capitólio e o Babilônia, e talvez por terem sido contemporâneos (o primeiro de 1934 e o segundo de 1939), não havia um velho e um novo, o que provavelmente suscitava tantas confusões hilárias, agravadas pela natureza bastante contraditória do lugar: embora próximos, enquanto o Babilônia exibia títulos, digamos, convencionais, o Capitólio era um cinema adulto, com títulos publicáveis, que tinham de criativos o



ILUSTRAÇÃO: TONIO

que não tinham de pudicos.

Na primeira vez que frequentei (o Babilônia, devo salientar), fui parar no Capitólio. Era fácil de errar: seu prédio, imponente, ainda resiste, hoje já capenga, na Rua Irineu Joffily. Fui salvo pelos cartazes, que noutra feita me enganaram no Babilônia: entrei num filme chamado *Romeu Tem que Morrer* e, em vez de um drama Shakespeareano, o que assisti foi a um longa de ação hediondo, estrelado pelo Jet Li. Coisas de um mundo com pouca internet.

Para evitar as confusões, segui o conselho de um primo que ia pelas iniciais: o Capitólio era o cinema de cima; o Babilônia era o cinema de baixo. Não há mais vestígios do Babilônia, hoje um centro comercial situado à frente de uma famosa e requintada doceria. Num dos meus contos, peguei emprestada a mensagem que vi estampada na bilheteria, na sessão final do Babilônia: “Apenas agora entendendo o que Pablo Neruda quis dizer quando escreveu: ‘Tão curto é o amor, tão longo é o esquecimento’”. Minhas saudades. Assinado: Um cinéfilo anônimo”.

Ecos do Além: era o filme que fechou as portas do cinema com uma certa ironia agridoce, como as pipocas que já não se vendem mais por ali. É como diz Will Eisner, na epígrafe daquele mesmo conto: “Estou certo de que essas estruturas marcadas por risos e manchadas por lágrimas são mais do que edifícios inertes. É impossível pensar que, ao fazerem parte da vida, não tenham absorvido as radiações provenientes da interação humana”.

O Capitólio segue fechado mas de pé, firme, esperando renovação, perto do que alguns chamam de “Praça dos velhos”. Porque ali nós, os velhos, ficamos, entre pombos ancestrais, contemplando o tempo, esperando a vez de nos tornarmos, nós também, alguma espécie de bússola.

Tiago Germano é autor da coletânea de contos ‘Catálogo de pequenas espécies’, do romance ‘A Mulher Faminta’ e do volume de crônicas ‘Demônios Domésticos’, indicado ao Jabuti, e do romance, ‘O Que Pesa no Norte’. Mora em João Pessoa (PB).

Pecado Capital nº 3

Cláudio Feldman
Especial para o Correio das Artes



ILUSTRAÇÃO: TOMIO

1

A inveja, como ninguém ignora, é a tristeza por não ter algo que o próximo possui.

Eu conheço esta sensação desde pequeno, quando meus colegas de quarteirão ficavam exibindo seus presentes natalinos e eu apenas um sorriso amarelo: sou judeu e minha família não comemorava o evento.

Pois foi num destes anos da infância que a inveja alcançou o seu topo no bairro onde eu morava.

Mas isto contarei a seguir.

2

O comendador Ezra Majorano habitava um casarão herdado de seus ancestrais, que, inclusive, passara por várias reformas para continuar sempre imponente.

As casas ao seu redor pareciam ainda mais encolhidas

com a pátina do tempo, diante de sua excelência.

A varanda exibia lustres de dezenas de lâmpadas e podia ser percebida em outro distrito; o jardim, cercado por grades inoxidáveis, brunidas, continham as flores mais policromas possíveis, com destaque para orquídeas incrivelmente extravagantes.

No fundo, mas possível de ver pelo Morro do Flamboyant, uma piscina azul, térmica, que recendia a cloro.

A vizinhança também não ignorava o interior da mansão, pois Eliete, a criada da residência, era do bairro e contava as maravilhas aos interessados.

Havia eletrodomésticos impensáveis, como massagedores de pés, facas a pilha que separavam em fatias quase de papel volumosos pernís, geladeiras que lembravam o Polo Norte etc.

E tapetes, quadros, estátuas, livros encadernados em couro, piano de cauda, caixinhas de joias, guarda-roupas repletos de trajes para todas ocasiões, com sapatos de marca (estes últimos itens faziam os olhos de Eliete faiscarem, quando os narrava).

Porém a descrição que mais acelerava o meu coração infantil era a das prateleiras carregadas de jogos e brinquedos dos filhos do comendador.

Por falar no chefe, este possuía, segundo a criada, 365 gravatas e adorava se enforçar numa delas, diferente, a cada manhã, quando saía rumo à sua importadora de caviar.

Aliás, o produto de seu negócio era algo desconhecido em nosso mundinho, pois ninguém já havia topado com tal ser (animado ou inanimado?).

E seu Theodoro, o mais sabido do bairro, pois seguia programas educativos pelo rádio, andou pesquisando e explicou aos curiosos que eram ovas de um peixe chamado esturjão.

E que o comendador Ezra era, sem dúvida, um homem de duas caras, pois negociava o caviar com russos comunistas e não passava de um fervoroso capitalista!

Assim como a residência do abastado contrastava com nossas humildes casas, sua família também se diferenciava da média miscigenada da população: dona Angel, assim como os garotos Paul e Marlon eram louríssimos e de olhos azuis.

Resumindo: seria impossível à maioria dos viventes de nosso subúrbio conter a inveja de tantos privilégios reunidos num só lar, nós que pechinchávamos até bananas na feira livre!

E como ninguém se aproximava dos Majorana nem para um bom dia, os mesmos retribuía a distância com um ar de quem olhava o próximo e não o via.

Eliete, que morava no bairro e servia à Corte, fazia média entre os dois territórios, ficava como se diz - em cima do muro.

3

Um dia, a criada veio nos contar, eufórica, que por insistência dos filhos e até da esposa, o comendador aceitara levá-los à Disneylândia e conexos, durante as férias escolares.

E Eliete iria junto!

Nosso ácido ciúme sempre apontado aos Majorana respingou na criada, daquela vez.

O sentimento, porém, foi atenuado, quando Eliete prometeu que, na volta, contaria a viagem nos mínimos detalhes.

Eu, que adorava os gibis do Mickey, fiquei imaginando como seria se os garotos Paul e Marlon também me dessem uma carona na viagem.

Bem, quando chegou o dia, o comendador Ezra volteou as muitas chaves do casarão e dois táxis vieram buscá-los: um, para os viajantes, outro, para as malas e a criada.

Eliete, sorriso de orelha a orelha, acenou da janela do veículo para os semelhantes que ficaram comendo o pó da rua Casimiro de Abreu.

4

Vinte dias após, dois outros táxis voltaram à residência dos Majorana.

Um dos veículos, além das malas, trazia muitas lembranças turísticas, com Eliete afogada entre elas.

A redondeza, disponível, pois era um domingo, juntou-se para espiar a chegada.

O comendador, mal atingiu a varanda, rodeado de bagagens, já teve um sobressalto: onde estavam os lustres?

Ao dar uma volta na chave da frente, abrindo-a, seu choque aumentou: sua casa havia sido saqueada!

Adentrando-a, notou que ela estava vazia, de verdade.

Sua esposa e crianças começaram a chorar em altos brados e surgiu um eco que antes não havia, pois o casarão estivera povoado de coisas.

Agora, ali, restavam apenas as quatro paredes, o telhado, as portas e janelas.

Além de toda mobília, objetos, eletrodomésticos, lustres, os ladrões haviam levado até os aparelhos sanitários e de gás, as escadas de madeira de lei, que levavam ao andar superior, rapinado, e as torneiras de cobre da casa e da piscina.

Dos dois automóveis só ficaram as marcas dos pneus no chão da garagem.

5

O inspetor Gil Gameleira considerou que, para o transporte do roubo, foram precisos caminhões e caminhões, além de muito tempo.

Como é que a vizinhança não havia percebido nada e avisado as autoridades?

Algo muito suspeito, que exigia explicação dos moradores dos arredores.

Seu Theodoro, o mais sabido do bairro, prontificou-se a representar a comunidade.

Explicou que devia tratar-se de uma quadrilha internacional, profissionalíssima, que, com sua tarimba, sabia realizar a rapinagem em silêncio.

Algo comum até em filmes.

O inspetor, desconfiado, mas sem provas, não conseguiu contestá-lo.

Voltou várias vezes às investigações, porém o caso acabou morrendo no seco, pois a residência estava no seguro.

Algumas pessoas, como os gatos, caem sempre de pé.

6

Eliete foi despedida, sem bônus algum, pois os Majorana, conforme decisão irrevogável, não quiseram continuar morando num local de "gatinha que acobertava ladrões, por inveja, para que uma família decente se prejudicasse".

Hoje o casarão é um posto de saúde que atende pessoas que não podem pagar um médico com secretária, isto é, quase 100% da população.

Eu, apesar de meu trabalho como zelador de uma sinagoga do Centro, não consegui até agora juntar dinheiro suficiente para levar meus filhos à Disneylândia.

E, por isto, ainda invejo Paul e Marlon, os herdeiros do comendador.

Em busca dos livros perdidos

Adhailton Lacet Porto
Especial para o Correio das Artes

Não é de hoje o meu fascínio pelos livros. O leitor começa a ser forjado na infância, e comigo não foi diferente. Gosto do livro impresso, admiro-o também como objeto, sua capa, diagramação, cheiro, ilustrações e títulos. Nas viagens que empreendia Brasil afora, antes de visitar pontos turísticos, monumentos históricos, procurava sempre as livrarias ou sebos locais. Confesso que, nesse périplo, era o que mais me dava prazer e algum sofrimento com os atendentes de livrarias, no mais das vezes com pouco ou nenhum conhecimento sobre o produto que vendiam.

Quando vou às livrarias, gasto um bom tempo olhando aquela profusão de lombadas enfileiradas nas prateleiras das estantes. E não raro, ao procurar um determinado título, termino encontrando outro também de meu interesse. Essa busca sem pressa sempre me deu prazer. Por outro lado, o sofrimento me acometia quando era abordado pelo vendedor e este indagava por qual livro eu estava procurando. Carece explicação.

Os títulos são a sala de visita dos livros. E normalmente é pelo título que procuramos um livro. E era justamente nesse momento que a frustração se abatia sobre mim, quando ouvia a resposta do vendedor, que sempre me conduzia para seções que não me interessava. Quando procurei pelo livro *Chá de Sumiço*, do amigo André Ricardo Aguiar, fui orientado a procurar a área de botânica.

Outra vez, curioso para saber se o meu livro de crônicas *Os Ditos do Quiçá*, estava sendo procurado, a moça respondeu que aquela livraria não vendia obra de frases feitas. Certa feita busquei os livros *Enquanto Agonizo*, de William Faulkner, e *Julho é Um Bom Mês pra Morrer*, do amigo Roberto Menezes, o livreiro esbugalhou os olhos e respondeu que, por questões de prin-



FOTO: PIXABAY

Desconhecimento dos atendentes de livrarias sobre os títulos que vendem causam transtorno ao leitor

cípios, não aceitava, em sua loja, obras de incentivo ao suicídio. Desapontado, perguntei se tinha *Ópera dos Mortos*, do mineiro Autran Dourado, e ele me indicou a seção de obras espíritas.

Numa determinada capital de um dos estados ricos do país, fui à livraria mais badalada da cidade para comprar os livros *Outros Cantos*, da premiada escritora Maria Valéria Rezende, e *Os Tambores de São Luís*, do maranhense Josué Montello, e o vendedor, muito simpático e serelepe, me conduziu, num ritmo de *ragatanga*, para as prateleiras onde estavam os compêndios sobre música. Fiquei desafinado.

Até o festejado poeta Ferreira Gullar, quando publicou seu segundo livro de poemas *A Luta Corporal*, em 1954, foi a uma livraria do Rio e perguntou por sua obra e a resposta veio seca: “Não trabalhamos com artes maciais”.

É, a situação é de vaca desconhecer bezerro, ou mais apropriado, de livreiro desconhecer autor.

Adhailton Lacet Porto nasceu em João Pessoa-PB, onde mora. É magistrado. Escreve crônicas e contos para o portal MaisPB e Diário de Pernambuco. Integra a União Brasileira de Escritores – UBE-PB e o Clube do Conto da Paraíba. É vice-presidente da Academia Estudantil Cabedelense Infantojuvenil de Letras e Artes – Aecijal-Litorânea. Publicou o livro ‘Os Ditos do Quiçá’ (Arribaça Editora, 2ª edição, 2022).

Neide Medeiros Santos

(EXTRAÍDOS DO LIVRO 'RELICÁRIO')

Caracol na grama
lua brilhante no céu.
Será um poema?

Pássaro cativo
teu canto é um chamado
para a liberdade.

Meninos eu vi
borboletas amarelas
na janela azul.

Não era poeta
contemplava a natureza
pintava poesia.

Um guriatã
de mavioso cantar
passou por aqui.

Vestido de seda
o pássaro do poente
cruza o azul do céu.



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Neide Medeiros Santos é professora aposentada da UFPB. Escreveu livros de literatura infantil, ensaios literários. É colunista/colaboradora do jornal A União. 'Relicário' é seu segundo livro de poesia.



Analice Pereira

marianalice@hotmail.com

 clarisser

A sobrevida de um personagem filho de ninguém e dono da voz narrativa

Eles me vigiavam, percebiam a minha presença? Talvez não se incomodassem, nem tivessem vergonha. Deviam rir de mim. Filho de ninguém!

Milton Hatoum – Dois irmãos

Para a apreciação crítica de adaptações de textos literários para outros segmentos artísticos e midiáticos (cinema, teatro, música, pintura, dança, HQ, games etc.) é importante observá-las como obras “independentes” (entre mil aspas), tendo em vista que, a cada transficcionalidade, elementos constitutivos e matérias primas específicas são reivindicados para atender às necessidades estéticas internas peculiares a cada arte. E ainda que se considere esse caráter de independência, parece que tal apreciação não consegue escapar muito da leitura comparativa, pois não é incomum, ao nos depararmos com uma adaptação de texto literário, perguntarmos-nos sobre o que faltou do livro na obra que o adapta.

A minissérie *Dois irmãos* – adaptação que Luiz Fernando Carvalho realizou do romance homônimo de Milton Hatoum, numa produção da Rede Globo – no entanto, encaminha-nos para um movimento diferente de leitura, pois nos salta aos olhos um elemento que se constitui como algo a mais e não, exatamente, como algo que falta. E para refle-



FOTO: GABRIELA BILO/ESTÁDIO CONTEÚDO

Hatoum, autor do livro: romance prioriza caráter de suspeição, estruturado por meio dos posicionamentos que seu narrador-personagem adquire

tir um pouco sobre o referido elemento, é importante contextualizar, mesmo que de forma bastante resumida, a trama construída por Milton Hatoum em seu romance, que conta uma história de conflito entre dois irmãos gêmeos: Omar e Yaqub, filhos de Zana e Halim, de

origem libanesa. Além dos gêmeos, da relação entre Zana e Halim nasce a filha Rânia. Quando se casam e antes mesmo de os filhos nascerem, recebem em sua casa a indígena Domingas, que vem de um orfanato para morar com o casal e, conseqüentemente, ser empregada da casa. Da relação entre Domingas e um dos gêmeos, nasce Nael, o narrador da história, cujo conflito maior é não saber quem é o seu pai biológico.

Para tanto, o romance prioriza um caráter de suspeição, estruturado por meio dos posicionamentos que seu narrador-personagem adquire, colocando-o numa condição ambivalente, representada pela possibilidade de ser filho ou de Omar ou de Yaqub, fazendo-o se compreender, no interior da história, como filho de ninguém, uma vez que essa paternidade não se define em toda a trama. Na condição de narrador da história, Nael esconde sua identidade para revelar sua desconfiança e, como personagem, revela a sua origem étnica, seu status social, no seio dessa família que não é sua, mas que também não deixa de ser.

Interessante observar esse artifício literário, transficcionalizado na adaptação para a minissérie televisiva, como uma possibilidade de “sobrevida do personagem” que, segundo Carlos Reais¹, pode ser entendido como o “prolongamento das suas propriedades distintivas, como figura ficcional, permitindo reconhecer essas propriedades noutras figurações, para este efeito designadas como reconfigurações”.

Uma dessas propriedades chama atenção: Nael como autor da história, além de personagem e narrador. No romance, essa possibilidade de autor é apenas sugerida em dois ou três momentos em que ele enuncia que está escrevendo uma história. Na minissérie, Luiz Fernando Carvalho traz esse traço metaficcional para o primeiro plano, conforme veremos a seguir. Antes, porém, importa recapitular quem é Nael, nome enunciado apenas na página 241,

¹ REIS, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018, p. 485.

no capítulo 9, ao mesmo tempo em que é potencializada a indefinição da sua paternidade, sugerindo a ideia de que nem a própria mãe o saiba. Mas isso também não significa dizer que sua identidade não seja construída por toda a trama a partir de uma caracterização de tipo social e humano, que ocupa um lugar periférico no seio da família da qual faz parte, embora apenas em parte. Basta lembrar que ele mora, junto com sua mãe Domingas, numa espécie de cortiço nos fundos da casa da família.

Essa configuração de Nael no livro se dá não só pela sua caracterização descritiva, pois não diz respeito, apenas, à forma como o personagem é descrito. Afinal, entre o narrar e o descrever, Hatoum privilegia o narrar, o que faz com que o leitor seja levado a ler o personagem Nael a partir de sua caracterização em aspectos mais diretamente relacionados ao nome de batismo, ideologia, etnia, lugar social, lugar familiar, e ao fato de ser filho de ninguém.

Reconhecido por suas adaptações de textos literários como *Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, *Capitu*, adaptação da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, *Os Maias*, de Eça de Queirós, Luiz Fernando Carvalho realizou a sua leitura na minissérie, trazendo para o foco o personagem Nael como narrador, mas também como personagem auto reflexivo na sua condição de ser filho de ninguém, ser periférico, mas, acima de tudo, ser o autor que está construindo essa história. Noutras palavras, Carvalho transfuncionaliza o personagem, enaltecendo o que no romance é apenas sugerido. E, assim, somos levados a pensar não mais sobre o que faltou do livro na adaptação, mas sobre o “não dito” no livro, que se revela na adaptação, e portanto, na recepção estética de seu diretor, por meio da qual põe em relevo a figura de Nael, como personagem, narrador, professor e escritor, reconfigurados na produção fílmica pelos recursos de voice-over e offscreen, além, é claro, da interpretação do personagem pelos atores Ryan Soares (adolescente) e Irandhir Santos (adulto). A locução, em toda a minissérie, porém, fica a cargo de Irandhir Santos. E para colocar em relevo o personagem na sua condição de escritor, Carvalho lança mão de um equipamento mecânico de escrita que é transformado em perspectiva estética. Esse mecanismo é uma máquina datilográfica.



FOTOS: DIVULGAÇÃO/TV GLOBO



Cenas da minissérie *Dois irmãos*, adaptação que Luiz Fernando Carvalho realizou do romance homônimo de Milton Hatoum

O episódio um inicia com cenas de mãos datilografando versos de um poema de Drummond, conforme se vê nos frames a seguir. São versos que epigramam o romance e que, na minissérie, são ditos pelo ator Irandhir Santos, que assume a voz narrativa (em voice-over) do personagem Nael até as últimas cenas do décimo e último episódio. A aparição da máquina datilográfica e os seus enquadramentos se dão tanto pelas imagens quanto pelo som de mãos teclando ao longo de toda a minissérie



00:04" do episódio 1



00:06" do episódio 1



00:07" do episódio 1

Ao discutir sobre a forma de transcodificação, como processo de adaptação, Linda Hutcheon² alerta para o seguinte: “Os truismos críticos que devem ser particularmente testados [...] são os que dizem respeito à forma como as diferentes mídias podem lidar com elementos como ponto de vista, interioridade/exterioridade, tempo, ironia, ambiguidade, metáforas e símbolos, além de silêncios e ausências”. Na adaptação ora analisada, observa-se pelo menos dois desses elementos em sua relação intrínseca: ponto de vista e ausências. É possível traduzirmos essas “ausências” por “vazios” naquele sentido que Wolfgang Iser³ discute em suas reflexões sobre a estética da recepção e do efeito que “joga o leitor dentro dos acontecimentos e o provocam a tomar como pensado o que não foi dito.” Assim sendo, o mecanismo de escrita da máquina datilográfica dá vida ao Nael-escritor, realizando, sob o olhar de Luiz Fernando Carvalho, uma transcodificação do “não dito”

² HUTCHEON, Linda. 2 ed. Trad. André Cachinel. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 2013, p. 15.

³ ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 90.

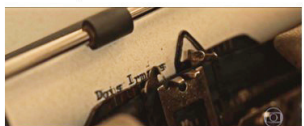


Na minissérie, Luiz Fernando Carvalho traz para o foco da história Nael como narrador, mas também como personagem auto reflexivo na sua condição de ser “filho de ninguém”

no romance, mas apenas sugerido: um personagem-narrador, reconfigurado na minissérie, também, como escritor e, portanto, autor da história dos gêmeos e, conseqüentemente, da sua própria história:



51':34" do episódio 10



51':36" do episódio 10

Luiz Fernando Carvalho torna presentificado na sua obra filmica o que é apenas sugerido no romance que adapta e que, nesse processo de reconfiguração do personagem, há um destaque a um lugar social periférico ocupado por Nael e que, no romance, se desloca para o centro e se transforma em força motriz quando a ele é sugerido o papel de “autor” e, portanto, dono da voz narrativa.

Os temas da humilhação e da humildade são caros ao romance em questão. Na qualidade de leitor, Luiz Fernando Carvalho traz essas temáticas para primeiro plano, sobrelevando características

dessa personagem tão representativo da sociedade manauara, de um modo mais específico, e da sociedade brasileira, de um modo mais abrangente. A configuração de Nael no romance e sua reconfiguração na minissérie se dão a partir do que está na base desse personagem e que diz respeito ao que, em certa medida, o provoca a se definir como filho de ninguém. Ao deter a voz narrativa (no romance e na minissérie) e a escrita (na minissérie), Nael se desloca da periferia para o centro, e da humilhação para a insubmissão.

Na pele de Irandhir Santos, Nael estende a mão ao espectador e à espectadora e lhes oferece uma chave interessantíssima para uma possível interpretação da sociedade brasileira em seus traços socioculturais diversos, híbridos, mestiços. Nas cenas finais da minissérie, Nael surge nas águas do Rio Negro, sozinho, sem a mãe e o avô Halim porque já morreram, sem o pai porque nunca o teve, porém “penetrando surdamente no reino das palavras” (para referenciar o Drummond que epigrafa tanto o

romance quanto a minissérie) e triunfante na sua condição de autor dessa história:

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou.



1:00':30" do episódio 10

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Giulliana Silva

ESPELHO NARCÍSICO

Um homem com um machado na mão
Quebrou o espelho
e enxergou na réstia oblíqua
Sua própria condição.

A máscara de narciso caiu,
desinibida.
Entre os pedaços de vidro,
Que ele chamava de vida.
Reluzente, e em cacos refletida.

Disseram-no sete anos de azar,
Pediram-no para não desanimar,
E o homem aturdido
Não se dava por vencido
No seu desejo- vaidade mensurar.

E do duelo entre demência e aparência
Só nos resta ao homem clemência
a perdoar .
Ele se perdeu!
Pois só enxergava o que refletia
No espelho que alguém lhe deu.

Esse homem tinha várias faces,
Não só duas,
E nos olhos ausentes/viventes do reflexo
Até eu, entre feixes de luzes
Narciso via.

A jangada

A jangada de Dona Amanda
No rio esquecida
Encangada?

A jangada e um senhor no mar
Velejada
E extraviada
Dada ao desejo de contar...

A jangada e a correnteza do mar
Correndo por caminhos
Itinerantes a serpentear.

A jangada de sonhos
Esquecida e aturdida
Mar adentro a se desviar

A jangada sou eu
No rio da vida
Por sonhos esquecida
A me ausentar.

A caneta

A caneta a desvencilhar a vida
Reescreve memórias e histórias,
Saudades dos amantes de outrora,
a caneta em tinta escura
Marca a vida na brancura do que não ousou
acontecer.

E daqueles espaços em branco
no limite da memória que não gozou.
Mágoa deixa transparecer.

O gozo da vida é marcado com tinta
de várias cores, na escrita prêt-à-porter
que veste a vida sempre pronta para fazer
acontecer.

Nesses instantes de curto espaço tempo
às vezes a tinta não atreve e falha,
quando o medo se esquiva
e no espaço vazio esbarra.
E não sente o sabor do colorido
do que almenos deixou de ser vivido
daquele tempo perdido...

A caneta no desvencilhar da vida
Escreve escuro e deixa pausas
Entre linhas brancas não resolvidas,
Palavras não ditas e silêncios intraduzíveis.



de Vasconcelos

ILUSTRAÇÃO: TONIO

A LITERATURA

A literatura é partitura
Da tessitura do ser,
De segredos velados que vem a transparecer.

É o invólucro de grandes homens
Machados de aberturas
é a retirada da Pedra do caminho,
Um pergaminho de desventuras,
é a esperança da retirante vida Severina
Ou a alegria da contemplação
Do feto na cavidade uterina.

Uma travessia pela própria natureza,
Ou o fio que circunda a vida?
Cordão umbilical da existência,
Entrelaçando caminhos e histórias
memórias, conquistas perenes e glórias.

Ela é moradia de expressão estética e profunda
É arte que incomoda e beleza fecunda,
Oriunda de fronteiras inequívocas.

Linhas tecidas fio a fio
Que dão ânimo aos olhos vazios.
E nas vidas Augustas que velam o enterro da última quimera.
Eu pudera ver o cio cujo prenúncio
o sabiá canta e as aves gorjeiam
e as metáforas trágicas da escritura
permeiam.

Maria

As mãos de veias grossas
Engrossadas pela vida
De dona Maria querida
Que tanto sofreu na lida.

Repousam os danos dos anos
De uma vida pesada e tida,
Por muitos como castigo
Ou carma /pagamento de dívida/.

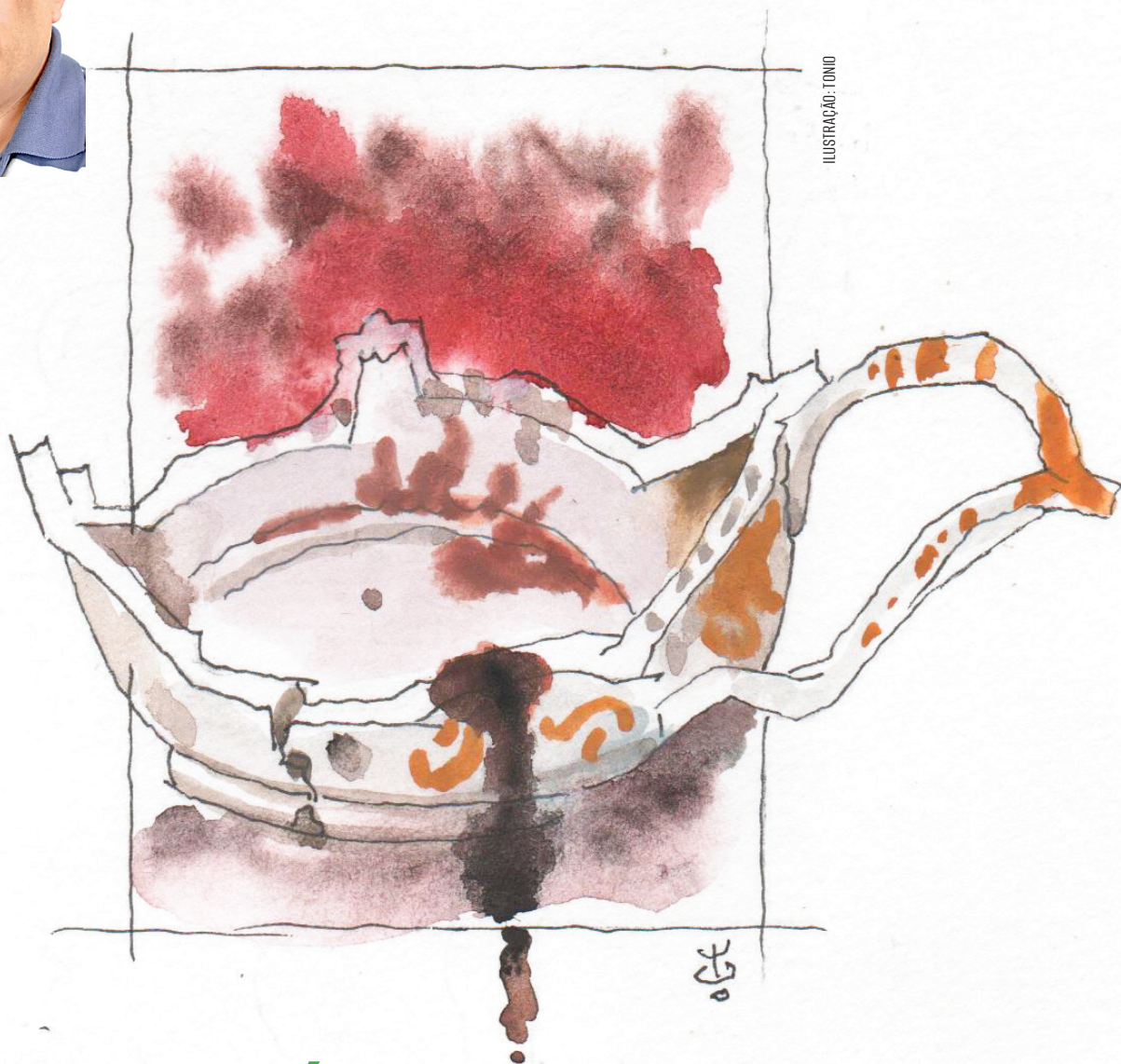
De vida Maria carece
Que os danos lhe legaram
Noites e dias em prece
que os joelhos ralados rogaram.

Rezando pela vida
De sua família querida.
E na lida do chão
Trabalha fio a fio
Sonhando com o tostão.

E para apaziguar a fome
Maria de sobrenome Silva,
Papa de farinha come,
e do destino vil se esquiva
Quando ao meio dia
o sol em sua face criva
seu próprio sobrenome.

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social e Licenciada em Letras Português (ambas pela UFPB), premiada com a "Láurea Acadêmica" em 1º lugar no curso de Letras (2022). Como poeta, tem influências de Augusto dos Anjos; Carlos Drummond de Andrade; Florbela Espanca; João Cabral de Melo Neto; Sérgio de Castro Pinto; Conceição Evaristo; Amador Ribeiro Neto; dentre outros.





O CACO DE XÍCARA

Eu já fui uma xícara garbosa. Botava cor na cozinha, adorno alvo. Eu tinha uma irmã que, a toalha quadriculada, ficava perto de mim toda manhã. Eu era do seu Rui e minha irmã da dona Vilma. Caía café quente dentro de mim e eu adorava, pois na madrugada padecia de frio. Minha irmã certa madrugada, de tanto frio, caiu do armário de propósito e fez um barulhão. Seu Rui veio lá do quarto deles e verificou a cozinha, acorrou-se para ver melhor, as pernas brancas. Movimentava muito a cabeça, olhava para as panelas penduradas, para o piso embaciado. Estava assustado – medroso é a melhor palavra. Nessa madrugada eu senti a força que uma xícara tem. Seu Rui, já disse, tomava

café em mim. Nunca ninguém com o bafo como o dele tomou café em mim. O bafo do seu Rui é azedo, muito fedido – um horror. E ele tem um bigode em que labuza a linguona escurecida. Eu não desejo a xícara nenhuma deste mundo a boca do seu Rui. Minha irmã me contava que via uma cárie enorme num dente da dona Vilma. Eu lhe assegurei – essa cárie ainda vai lhe feder, ainda fará de sua vida um inferno. Ela tremelicou – eu prefiro me atirar do armário, me suicidar de vez. Mas quem se espatifou fui eu. Fui eu que virei este caco aqui debaixo da geladeira, caco que ainda não foi removido depois da grande briga. Seu Rui uma manhã chamou dona Vilma de puta. Disse

que ela corria as pistas da BR no carro do pastor, atrás de motéis distantes. Dona Vilma aí cuspiu em seu Rui, que a chamou de secretarinha metida. E ainda se corrigiu – “secretarinha metida, não, secretarinha que mete!”. Dona Vilma então me arremessou no rosto do seu Rui – ainda vi o café espirrar nos olhos dele, pingar de suas sobrancelhas esburacadas. Eu bati contra o nariz do seu Rui e me despedacei no piso. Todos os cacos meus semelhantes foram recolhidos, dia seguinte, pela empregada. Só eu fiquei oculto, com inchaços em minhas bordas agudas, todo cheio de dores, debaixo dessa geladeira que, nas madrugadas, mija os seus frios em cima de mim.

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



MUSEU DO RÁDIO PARAIBANO

O Museu do Rádio Paraibano (MRP) é mais um espaço de cultura criado dentro do contexto da política de preservação da história, implementada pelo Governo do Estado da Paraíba.

Aqui, resgatamos o fazer radiofônico em exposições permanentes e temporárias, apresentando a evolução tecnológica do meio. Transmitindo fatos, música e cultura, o rádio tornou-se espelho de nossa vida, fazendo do MRP um importante ponto de contato com as memórias noticiosas e lúdicas, e com as vozes e canções que alimentaram a nossa relação afetiva com esse centenário meio de comunicação.



Horário: 9h às 16h

Local: Rádio Tabajara - Av. Dom Pedro II, 3595, João Pessoa - PB





transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac